

Apoio



GOVERNO DO  
ESTADO DO CEARÁ  
Secretaria da Cultura

Realização



GOVERNO DO  
ESTADO DO CEARÁ  
Secretaria da Educação



Este livro integra a Coleção Juvenil MAIS PAIC MAIS LITERATURA, composta de crônicas, contos, novelas, romances, cordéis e poesias. Escrita e ilustrada por autores do Ceará, ela traz aventuras desafiadoras, existenciais, em cenários da cultura e da história local. Sua temática constitui estímulo a mais para se ler e dialogar nos Clubes de Leitura dos 8º e 9º anos das escolas públicas do Ceará.

Saiba mais: <http://www.paic.seduc.ce.gov.br>

ISBN 978-85-8171-236-9

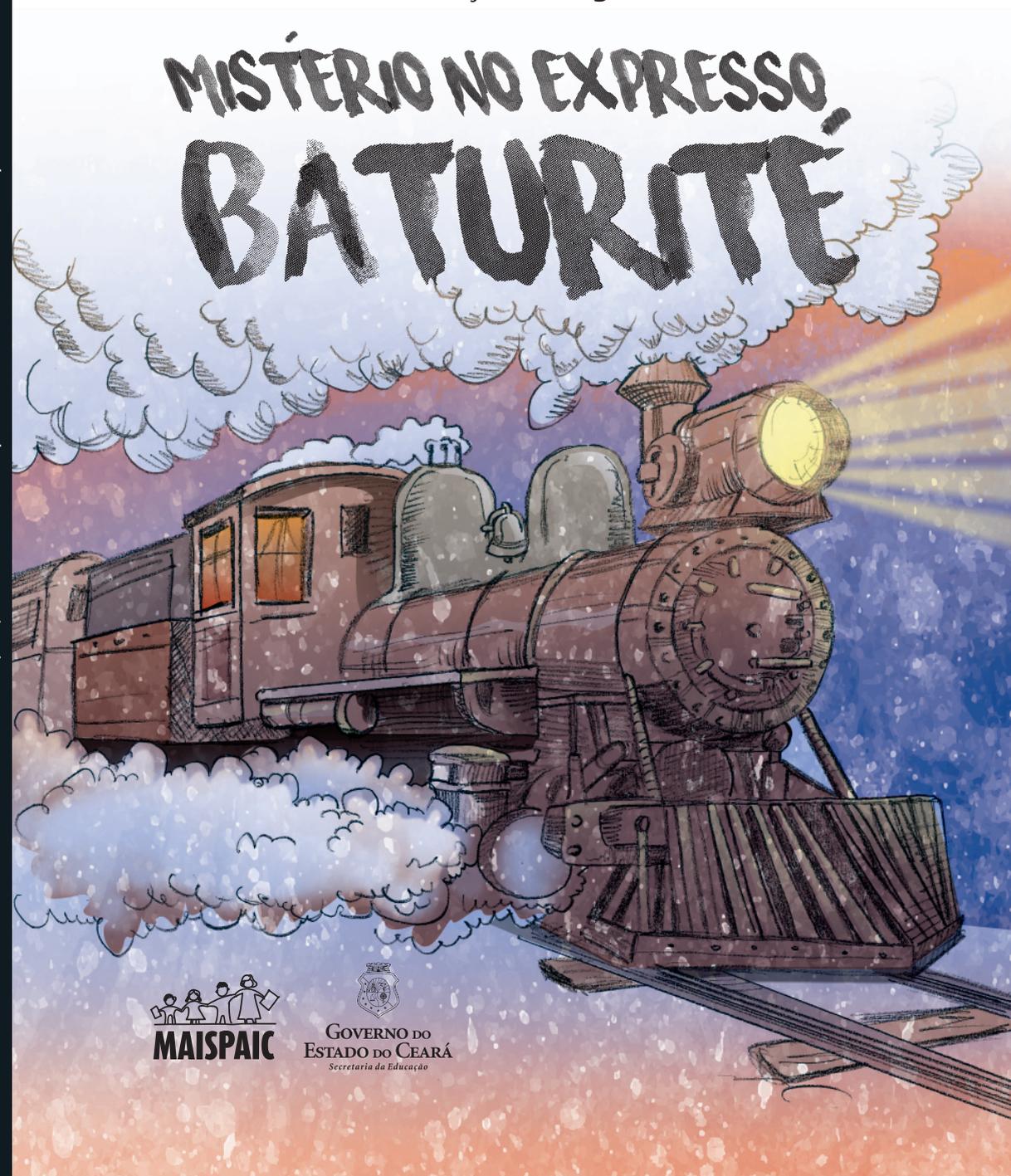


VENDA PROIBIDA

Milson Almeida

Ilustrações Mings

# MISTÉRIO NO EXPRESSO, BATURITÉ



MISTÉRIO NO EXPRESSO BATURITÉ • COLEÇÃO Mais PAIC MAIS LITERATURA



GOVERNO DO  
ESTADO DO CEARÁ  
Secretaria da Educação





Milson Almeida  
*Ilustrações Mings*

# MISTÉRIO NO EXPRESSO BATURITÉ



GOVERNO DO  
ESTADO DO CEARÁ  
*Secretaria da Educação*

Fortaleza • Ceará



*À minha família que tanto amo e que nunca deixou de acreditar que o livro seria possível, e a todos aqueles que saudosamente ainda esperam, na estação das lembranças, o próximo trem.*

## SUMÁRIO

<b>PEGO NA MENTIRA.....</b>	9
<b>UM PEDIDO DE SOCORRO .....</b>	17
<b>TIO TARECO.....</b>	23
<b>O DIÁRIO DE LÚCIA.....</b>	31
<b>PASSANDO DOS LIMITES .....</b>	39
<b>AULAS PARTICULARES .....</b>	47
<b>EXPULSO DE CASA .....</b>	55
<b>NA ESTAÇÃO .....</b>	63
<b>RUMO A ARRONCHES.....</b>	69
<b>UM CRIME MISTERIOSO .....</b>	73

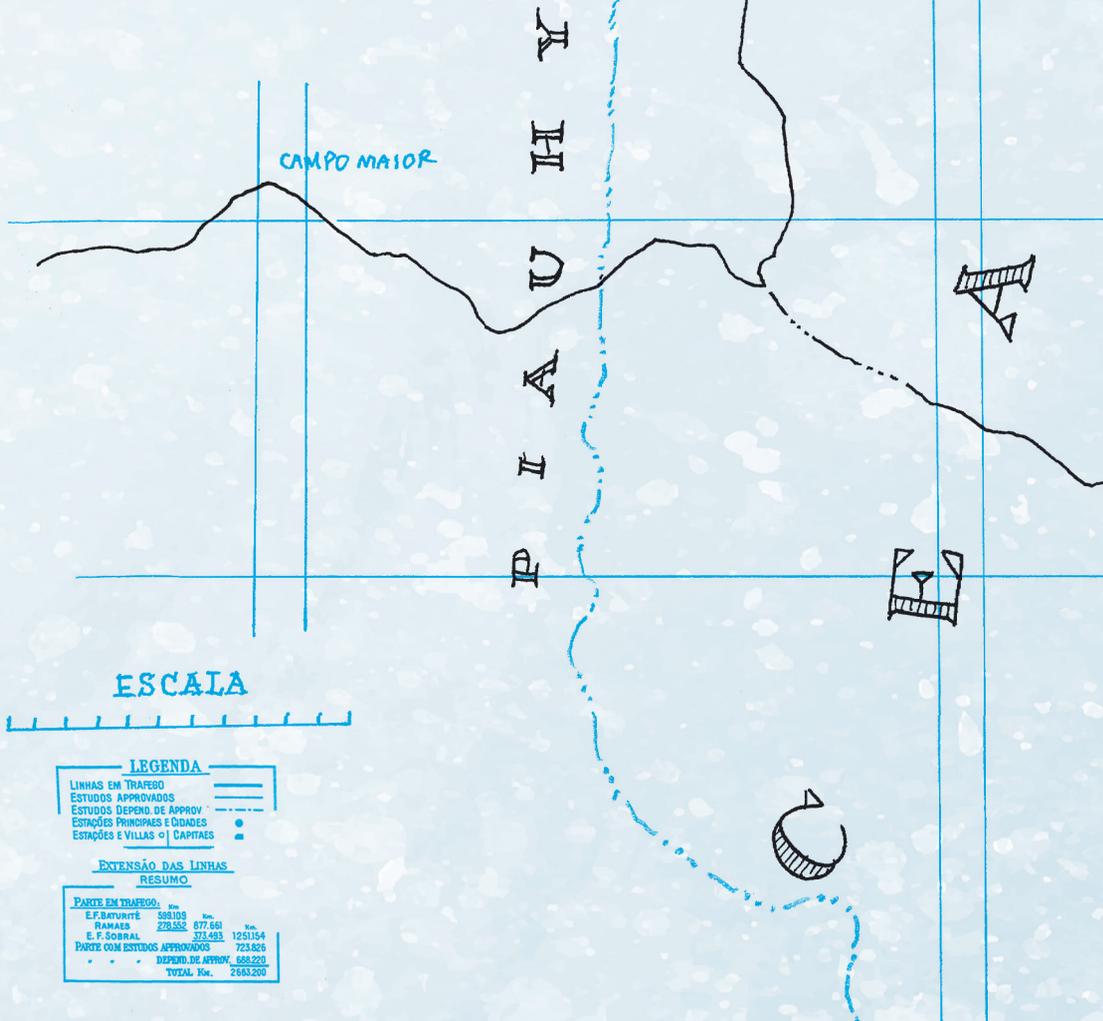
<b>MENINA EGOÍSTA</b> .....	86
<b>UM ESTRANHO FUNCIONÁRIO</b> .....	93
<b>SOZINHO</b> .....	100
<b>UMA ESTRANHA MENSAGEM</b> .....	106
<b>PRISIONEIRO</b> .....	112
<b>REENCONTRO</b> .....	115
<b>DESCOBERTOS</b> .....	123
<b>O PEQUENO HERÓI</b> .....	129
<b>A ÚLTIMA ESTAÇÃO</b> .....	139



# REDE DE VIAGÃO CEARENSE

## MAPPA DAS LINHAS

1927





OCEANO

FORTALEZA

PACATUBA

BATURITÉ

R



QUIXADA

QUIXERAMOBIM

S. POMPEU

IGATU

BALXIO

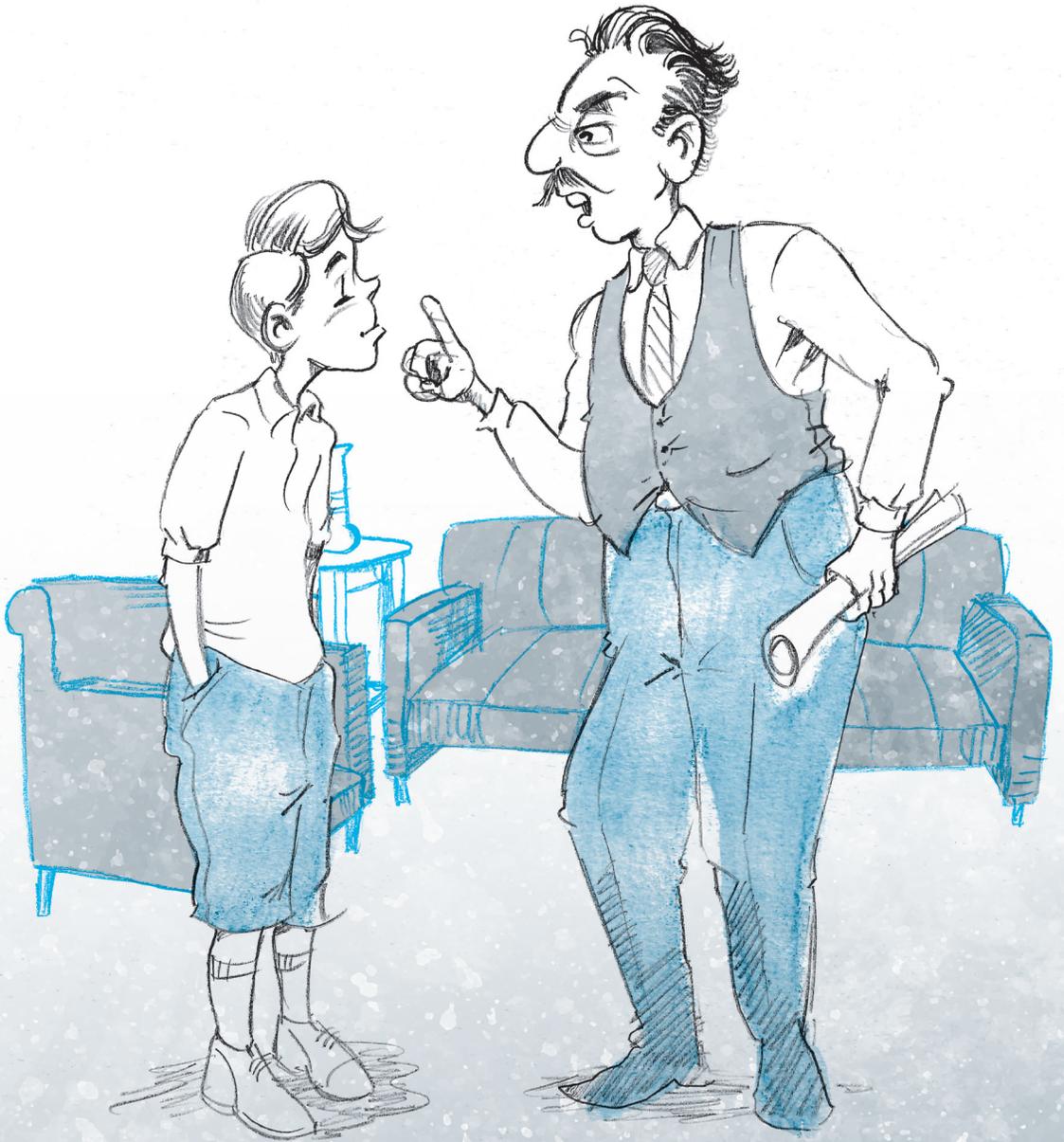
RIO G. DO NORTE

SOUZA

● CASAESIRAS

PARANÁ





## PEGO NA MENTIRA

— Chega, Miguel! Não quero desculpas!

— Mas papai, não tive culpa. Foi dona Marta que não entendeu. Eu lhe disse que o senhor não estava bem. E não foi verdade? O senhor estava com dor de cabeça. Que culpa eu tenho se ela entendeu que o senhor estava muito doente.

— E ainda não admite o que fez?! Está de castigo! Vá agora para seu quarto e não saia de lá, até que eu permita. Você me entendeu?

E Miguel calado.

— Você me entendeu, rapazinho?

— Sim – respondeu em seco.

— Sim o quê?

— Sim, senhor – agora de cabeça baixa e já entendendo que não haveria outro remédio senão aceitar o castigo.

Miguel saiu triste da sala em direção ao seu

quarto, sabia que aquele castigo duraria dias e que nesse tempo nada de brincadeiras na rua, idas ao cinema, doces de nenhum tipo ou nem mesmo receber seus amigos. Logo agora que seu tio Baltazar o havia convidado para ir à praia de Iracema. Estava louco para ver os trens chegando fumegantes e barulhentos, uma *belezura* de encher os olhos! E agora, nada! Estava de castigo, em um injusto castigo.

No caminho de seu quarto, encontrou seu irmão, Marcelo, de pé ao lado da porta, esperando o resultado das broncas.

Miguel olhou de *cara fechada* para o irmão:

— O que é? Nunca me viu? – e entrou no quarto, batendo a porta.

Doutor Melchior, o pai de Miguel, que vira tudo, esbravejou:

— Volte agora aqui, Miguel e peça desculpas ao seu irmão!

Já deitado em sua cama pensou em fingir não haver escutado, mas sabia que seria pior, que o castigo só aumentaria. Decidiu, por fim, obedecer ao

seu pai que, neste meio tempo, já o havia chamado mais uma vez. Foi até a porta do quarto e encontrou seu pai mais enfurecido ainda.

— Peça desculpa a seu irmão!

— Desculpas – disse em uma voz sumida.

— Não ouvi ainda.

— Desculpas.

— Peça direito, rapaz! Já estou perdendo a paciência com você!

— Desculpe-me, meu irmão – e o abraçou.

Marcelo com a cabeça fez que aceitava o pedido de desculpas, mas não disse nada e saiu em direção ao quintal.

De volta ao seu quarto, Miguel deitou-se na cama, agora era que estava sem jeito mesmo. Nada de praia de Iracema... nada de trens... nada de nada. Tão grande castigo por uma mentira tão pequena!

A mãe de dona Fátima, esposa do doutor Melchior e avó dos meninos, chegou nesta hora perguntando o que estava acontecendo.

Dona Fátima puxou uma cadeira para sua mãe, pediu a benção e disse-lhe em um suspiro preocupado:

— É Miguel, mamãe. Ele não para de mentir.

— O que foi desta vez?

Doutor Melchior que já estava sentado em uma cadeira ao lado do rádio, procurando a sintonia de uma estação respondeu:

— Imagine, dona Maroca, que Miguel não fez a tarefa de casa do colégio, quando a professora perguntou o motivo, disse-lhe que havia estado comigo, porque eu não estava bem, fazendo a professora entender que eu estava doente. Para azar dele, dona Marta veio me visitar e descobrimos todas as suas mentiras.

— Ah mamãe! Não sei mais o que fazer com o Miguel!

— Tenha calma, minha filha, quando seu pai morreu, cuidei sozinha de vocês e fiz de todos gente. Até seu irmão, que muito me deu trabalho.

— Eu sei, mamãe. A dona Marta disse ainda que as notas de Miguel estão muitas baixas, o garoto não está estudando direito.

— Minha filha, se o rapaz não quer estudar, põha—o para trabalhar. Na idade dele, eu já acordava às quatro horas todos os dias.

— Não, dona Maroca, eu não permitirei. Ele está na idade de estudar. O rapaz vai estudar! Fará medicina como eu fiz. Ele vai para o Rio de Janeiro morar com meu irmão. Já está decidido.

— Posso falar com dona Eleonora para dar aulas particulares a Miguel. Ela não gosta de ensinar meninos arteiros, mas, se eu pedir, tenho certeza de que me atenderá.

— Oh mamãe, faça isso!

O irmão de Melchior chamava-se Gaspar, era o segundo filho. Por ser padre, preferiu ficar morando no Rio de Janeiro, depois da morte do pai, um oficial do exército, defensor da monarquia e que, por isso, fora posto, compulsoriamente, na reserva. Nunca se conformara com sua dispensa das forças armadas e o desgosto abreviara sua vida. Inicialmente, o plano era todos ficarem em Baixio, uma pequena vila ao sul do Ceará, que, com a construção do ramal da estrada de ferro de Baturité, estava se tornando

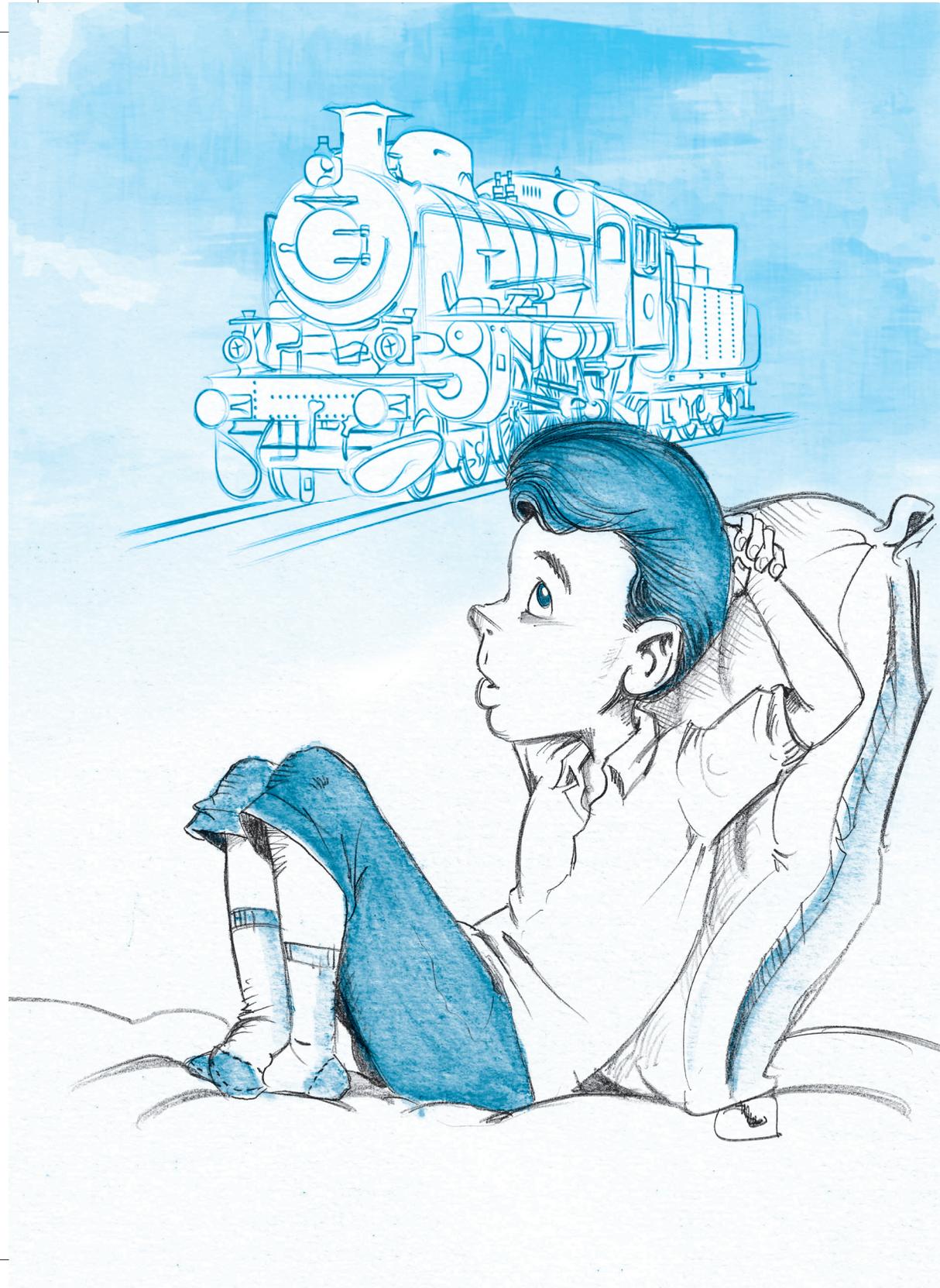
um importante núcleo populoso da região. Lá tinham algumas posses, herança de família, doutor Melchior e Baltasar. No entanto, acharam melhor se mudarem para Fortaleza, Melchior, o irmão mais velho, por já ter filhos e se preocupar com a educação deles, além da família de sua esposa ser de Fortaleza. E Baltasar, por ser um aventureiro, era o irmão mais novo, encostado dele, tinha ainda uma filha, Maria das Graças que ficara em Baixio com a mãe, dona Edwiges.

A família morava em uma grande casa situada à rua Visconde de Cauípe, atualmente, Avenida da Universidade, próximo ao Grupo Escolar do Benfica, onde estudava Marcelo, de 10 anos. Hoje, no mesmo prédio, funciona a Faculdade de Administração e Contabilidade. Miguel tinha 14 anos e estudava no Colégio Cearense do Sagrado Coração, o antigo Marista, na Avenida Duque de Caxias.

Corria o ano de 1928, Fortaleza ainda era uma cidade de ares provincianos, suas poucas ruas demonstravam isso. Mas seus equipamentos sofisticados como cinema, iluminação pública, estação de

trem, carros circulando, ousado projeto de redesenho das ruas, chafarizes, teatro, lojas de vitrolas e de aparelhos de rádio mostravam os esforços da cidade em se alinhar com o resto do mundo moderno.

E ficaram conversando até mais tarde da noite, iluminados pela luz da *Light*, a companhia de energia. O rádio capitava emissoras distantes, desde a capital do Brasil. As notícias anunciavam o plano de reforma econômica do presidente Washington Luís, comandadas por seu ministro da fazenda, Getúlio Vargas. O mundo pós-guerra fervilhava com novidades, e Fortaleza não era diferente.



## UM PEDIDO DE SOCORRO

Miguel estava triste, sabia que agora o pai nunca o deixaria ir à praia ver os trens. Queria tanto isso. Quando crescesse seria maquinista, viajaria o mundo a bordo dessas pesadas máquinas. Não queria ser médico, mas não sabia como dizer isso a seu pai. Ele estava sempre ocupado, saindo no meio da noite para atender seus pacientes, que, para Miguel, não passavam de verdadeiros mentirosos, eles sim mentiam. Davam seus pequenos *chiliques* e já chamavam seu pai que, embora recebesse sempre o chamado de mau gosto, atendiam todos com uma delicadeza e atenção de fazer inveja a qualquer ator de cinema. Seu pai, sim, sabia ser ator! Como ele aguentaria viver assim? Não suportaria. Verdade que pagavam bem e Miguel entendia que isso era a única razão que fazia seu pai levantar a qualquer hora da noite para atendê-los.

De súbito, um pensamento lhe veio à cabeça, sua caixa de *cacarecos*, certamente, seria jogada fora

quando saísse para o colégio. Isso já havia ocorrido antes e nada impediria de ocorrer novamente. Pensou em escondê-la, mas sua mãe era perita em encontrar qualquer coisa naquela casa. Nada passava despercebido dela. Passava o dia cuidando da casa, auxiliada por Genoveva, uma distinta senhora que nunca casara, *moça velha*, como alguns a chamavam, que desde a mudança da família a Fortaleza, viera trabalhar na casa e era meio que uma mãe dos garotos. Tinha já seus cinquenta e poucos anos, era baixa e corpulenta, andava sempre com um lenço na cabeça e tinha a pele morena. Suas mãos grandes e fortes, apesar de tudo, sabiam pegar com delicadeza a mais fina baixela, sabia ler e não perdia um folhetim do jornal, mas o que a comovia eram as radionovelas, que apesar das explicações de dona Fátima, dizendo se tratarem de histórias inventadas, sempre tiravam lágrimas daquela bondosa senhora. Amavam de paixão Mãe Genô, como os meninos a chamavam. No início, Mãe Genô fora contratada para ajudar dona Fátima com as crianças, principalmente, com Marcelo, ainda nos *cueiros*, depois de grandinhos, no entanto, não fora mandada embora,

pelo contrário, mudara-se, definitivamente, para a casa depois da morte da mãe dela há três anos.

Miguel se lembrou de Lúcia, sua prima de treze anos, que morava ao lado. Era filha de seu tio, irmão de sua mãe. Filha única, Miguel sempre achou a prima muita mimada e egoísta, chegava a evitar falar com ela. Agora, no entanto, não via outra saída, precisava resguardar seu tesouro. Pegou o caixote debaixo da cama, abriu-o, estava tudo lá: pião e torçal, *bila*, molinete de pescar, anzóis, figurinhas, selos, ferramentas e até um saquinho de pólvora que usava nas suas arteirices.

Foi até a janela, sem fazer barulho, ela já estava aberta, dificilmente era fechada, na verdade, seu irmão era claustrofóbico, ficava apavorado em ambientes fechados, apoiou sua caixa no parapeito, subiu na janela e pulou para fora. A casa de Lúcia era separada da dele por uma mureta baixa que dividia os quintais das casas. Pulou a mureta sem dificuldade, já havia feito isso antes, muitas vezes. Foi até a janela de Lúcia e chamou baixinho.

— Prima. Prima Lúcia.

Lúcia, que estava sentada na penteadeira penteando seus cabelos, foi até a janela e encontrou seu primo. As casas tinham um porão alto, por isso a janela ficava na altura de sua cabeça.

— Miguel? O que quer?

— Vim te pedir um favor, guarde para mim esta caixa. Não posso deixá-la em casa.

Lúcia olhou a caixa surrada nas mãos de Miguel e não gostou nenhum pouco de ter aquilo em seu quarto.

— De jeito nenhum. Não quero suas *tranqueiras* aqui.

— Por favor, Lúcia! Não posso deixar em casa...

— Já sei que você aprontou, vovó já contou tudo para papai.

Já se aborrecendo:

— E você, decerto, ouviu tudo atrás da porta, sua enxerida.

— Ora Miguel, cale-se! Agora é que não o ajudo mesmo – e bateu a janela, fechando-a.

— Não, espere! Desculpe prima... Prima... Lúcia...

Esperou um pouco na esperança dela abrir a janela, mas sabia que isso não aconteceria. O jeito era voltar o mais rápido possível para achar um bom esconderijo. De volta ao quarto, pensou bastante, decidiu-se por esconder sua caixa dentro do baú das roupas. Era perfeito! Teve o cuidado de deixar tudo como estava e, sem ter mais nada o que fazer, deitou-se para dormir. Ainda estava deitado quando seu pai trouxe Marcelo e o deitou na cama, dizendo-lhe para não ter medo, que a janela ficaria aberta, cobriu-o, deu-lhe um beijo de boa noite e já ia sair, quando parou e foi até a cama de Miguel, que rapidamente fechou seus olhos e fingiu dormir. Doutor Melchior ajeitou as cobertas e igualmente o beijou, desejando-lhe boa noite em um sussurro e saiu. Dona Fátima esperava seu marido à porta do quarto. Ainda ouviu, por um tempo, o rádio na sala, Mãe Genô adoçando um chá na cozinha e, por fim, adormeceu.





## TIO TARECO

Acordou com Mãe Genô o chamando, era dia de escola. Pulou da cama e perguntou pelo seu pai:

— Saiu de madrugada, foi atender a uma paciente, parece que dona Mercedes estava em trabalho de parto e, de lá, ia para a Santa Casa – respondeu doce a criada, ao mesmo tempo em que levantava Marcelo da cama.

Arrumou-se para ir à escola, antes de sair, no entanto, voltou ao baú, tudo estava lá. Não havia perigo e, ao chamado de Maneco, um amigo que morava em uma chácara ali próxima, saiu ao colégio, não sem antes pedir a benção a sua mãe que sentada na varanda tomava Sol, enquanto bordava em um bastidor pequenas rosas para uns guardanapos.

Marcelo estudava próximo e quem o deixava na escola era Mãe Genô, ou mesmo seu Aristides, o jardineiro, carpinteiro, pintor mecânico da família... o faz tudo na verdade. Atendia as duas casas, a casa de

Doutor Melchior e a da mãe de dona Fátima.

Já caminhando pela rua, Maneco perguntou:

— O que você tem Miguel? Está preocupado?

— Estou de castigo.

— De novo!

— Imagine que ontem dona Marta veio visitar meu pai e descobriu que eu tinha mentido e ainda contou das minhas baixas notas.

Maneco riu-se:

— Falei que isso não ia dar certo, mas você não me escuta. Fez a tarefa de hoje pelo menos. A esta hora, dona Marta já comunicou suas arteirices para os padres.

— E eu não sei. Fiz sim. Quer dizer... Não fiz...

— Fez ou não fez?

— Em parte...

— Você não tem remédio mesmo – e se riram os dois.

— Vamos pela Duque de Caxias que quero ver os automóveis.

— Nem te conto, seu Ananias, o da loja de tecidos, comprou um automóvel novo, brilhando. Um *Forde A*, fantástico! Precisa ver. Vamos passar por lá!

— Mas ele não está a esta hora no comércio?

— Nada, o velho é tão sovino que vai a pé para não gastar o carro.

Riram-se novamente.

— Quando eu crescer, serei doutor, advogado ou político. Quero ter os melhores automóveis e tudo que houver de mais moderno. Você que é tolo, ser maquinista!

— Eu bem sei o que quero. E vamos rápido que quero ver o carro, na volta tomamos o bonde.

Uma das linhas do bonde passava bem em frente à casa de Miguel, mas os garotos preferiam juntar o dinheiro para irem ao cinema, febre dos jovens naquela época.

E correram rua acima em direção às caixas d'água do Benfica para passarem pela Praça Pelotas, naquela época não existia ainda o prédio da Faculdade de Direito. Os garotos cruzaram a praça e

alcançaram, mais à frente, a Duque de Caxias pela Rua dos Mascates, hoje Senador Pompeu. Miguel gostava de passar por aquela rua, lembrava-se dos blocos de carnaval que desfilavam lá em fevereiro, um dos poucos momentos que se sentia mais livre para brincar sem ter que obedecer a tantas regras.

A aula passou lentamente, Gramática e Latim combinados a Aritmética e História não eram disciplinas fáceis para Miguel, principalmente hoje, que só estava de corpo presente, lembrava-se de seu precioso tesouro. Não via a hora de voltar e encontrar um novo lugar para ele. Talvez até o quintal servisse. Quando o sino tocou, desceu as escadas rapidamente com Maneco que não estava muito disposto a correr, mas acompanhou o amigo, correram para pegar o primeiro bonde em direção ao Benfica, Miguel queria chegar o mais rápido possível, no entanto, quando passavam por trás da igreja do Coração de Jesus, Miguel escutou alguém chamá-lo, era seu tio Baltasar em seu Ford de aluguel, os táxis da época. Doutor Melchior havia comprado o carro para o irmão, dois anos antes, para ele trabalhar na praça e ganhar seu dinheiro. Não era formado como os demais irmãos,

apesar de haver estudado na escola Militar do Rio de Janeiro e ter até entrado no exército para agradar ao pai. Não gostava daquilo e quando a família veio para o Ceará, deu baixa e viajou com os demais. Tinha somente 27 anos e era como que um irmão mais velho do sobrinho, a quem Miguel chamava de tio Tareco, não na frente dos pais, claro, que desaprovavam qualquer forma de apelido e alcunhas, exceto a forma como chamava dona Genoveva.

— Tio Tareco, que bom – dando um abraço apertado.

— Que pressa é esta? Esqueceram o *galo no fogo*?

— Miguel que me matar de correr – Maneco ofegante.

Riram-se.

— Tenho que correr, estou de castigo e deixei meus brinquedos escondidos, tenho medo de que a mamãe jogue fora. Prima Lúcia nem para escondê-lo para mim. Mas deixe estar que darei o troco.

— Castigo de novo? E agora mano não deixa você ir comigo ver os trens.

— Peça a ele, tio Tareco, se o senhor pedir, talvez ele deixe.

— Nem tentarei, conheço o mano, ele é cabeça dura. Puxou ao papai!

Em um suspiro triste.

– Então teremos que adiar nosso passeio.

Tio Tareco fez que puxava a corda do apito do trem imitando seu som:

— Fiuuuuu...Fiuuuuu... Próxima parada, Benfica, residência de Senhor Melchior Almeida.

Riram-se todos.

— Aguarde um pouco que levo vocês.

— O senhor vai demorar?

— Não, seu Simplício já volta para me pagar.

— Ah não, serão séculos tio. Temos que ir.

— Pois leve ao mano. É de mamãe. Chegou ontem... Ou seria antes de ontem... Ou será que já se passaram uns 15 dias... – tirou do guarda-luvas uma carta.

Como Baltasar morava no Centro, recebia a

correspondência, mas era preciso que seu irmão sempre estivesse perguntado por cartas de Baixio, ele não era muito bom para se lembrar disso.

Os garotos pegaram a carta e correm para tomar um bonde que já despontava na rua.

Baltasar ainda gritou:

— Irei lá esta semana ainda.

Mas Miguel já subia no bonde e não o ouviu.



## O DIÁRIO DE LÚCIA

Pulou do bonde, em uma parada pouco depois do Grupo Escolar, e correu para casa, subiu as escadas da entrada e já ia entrar em seu quarto, quando sua mãe o chamou:

— Miguel, venha aqui.

Parou de súbito, seria possível? Todos resolveram o chamar naquele dia! Lembrou-se da carta de vovó. Abriu sua pasta e a tirou de dentro, foi até a cozinha onde sua mãe conversava com Mãe Genô.

— Senhora?

— Que pressa é esta? Venha dá um beijo em sua mãe.

Beijou-a.

— Como foi o colégio hoje? E o que é isso?

— Tio Tare... Digo, tio Baltasar mandou. É da vovó – e entregou a carta a sua mãe.

— Obrigado, meu filho – segurando a carta – algum problema no colégio hoje?

— Não, tudo normal. Foi bom.

— Assim espero. Não quero malcriações, ontem à noite conversei com seu pai. Se você se comportar, sairá de castigo ainda hoje.

Seu coração bateu acelerado, iria poder ver os trens, que ótima notícia!

— Obrigado, mamãe – e tornou a beijá-la.

Já ia sair correndo para o quarto, quando sua mãe disse:

— Aquela caixa toda suja que pôs no baú das roupas, já joguei fora. Não faça mais isso, pois agora dona Genô terá que lavar um monte de peças. Não direi nada a seu pai.

Que dor a lhe cortar o peito sentiu nesse momento:

— Mas mamãe! Como pôde? Eram meus brinquedos.

— Foi seu pai quem pediu. Você precisa se concentrar mais nos estudos.

Ia dizer mais alguma coisa, mas sabia que não valia a pena. Foi ao quarto de cabeça baixa, quem sabe ainda sobrara alguma coisa ali. Uma *bila* ao menos.

Mas nada. Tudo havia sido jogado fora. Se a prima tivesse atendido seu pedido, nada disso teria acontecido, mas ela teria o dela também, não perdia por esperar.

A tarde se arrastou lentamente, esperou que a prima Lúcia chegasse do colégio para ir falar com ela. Lúcia estudava na escola das irmãs Doroteias e passava o dia lá. Como suportava? Miguel achava que isso não tinha explicação.

De noite, seu pai ainda não chegara, foi até o quarto e pulou a janela. A luz da janela da prima estava acesa, ela estava lá. Como fizera da vez passada, chamou a prima:

— Lúcia!

Aborrecida, apareceu na janela:

— O que é que você quer agora?

— Já lhe digo – estava disposto a tirar satisfações com a prima.

Agilmente, segurou o parapeito da janela e, em um salto, estava no quarto de Lúcia.

— Mamãe jogou fora minha caixa de brinquedos.

— E o que eu tenho a ver com isso?

— Você é muita má, sua egoísta. Se tivesse guardado aqui, isso não teria acontecido.

Enquanto voltava para a penteadeira e escolhia uma escova:

— Se tivesse dito a verdade e parasse de dizer tantas mentiras, isso não teria acontecido.

— Você não tem coração...

— Tenho, só não perco tempo com gente que não merece minha atenção.

— Ora... – nesse momento deu com o diário de Lúcia, escondido debaixo de um travesseiro.

Correu até a cama e, antes que Lúcia percebesse o que estava acontecendo, Miguel já estava com o caderninho rosa enfeitado por lindos bordados à mão.

— Olhe Lúcia!

Lúcia ficou pálida na mesma hora:

— Dê-me meu diário.

— Venha buscá-lo.

Mas antes que a garota o alcançasse, Miguel pulou pela janela.

— Volte aqui, Miguel. Você não tem esse direito. Seu moleque! Vou dizer para papai.

Mas Miguel nem *fez conta* e em dois tempos estava em seu quarto rindo-se à toa. Bem-feito para ela. Quem mandou não o ajudar.

Um minuto depois, escutou seu pai, sua vó, Lúcia e dona Das Dores, mãe de Lúcia chegarem à sua casa ao mesmo tempo. Iria ter problemas! Escondeu o diário mais que depressa debaixo do criado mudo e escutou seu pai chamando-o:

— Miguel, venha aqui, agora!

Saiu normalmente, feliz por ver seu pai.

— Sua benção, papai.

— Miguel, não quero mentiras. Você pegou o diário de sua prima?

Abraçada a sua mãe, Lúcia chorava. Meninas eram mesmo histéricas! Tanto drama por um caderninho à toa, pensou.

— Não, papai, eu não fiz isso!

— Fez sim, Miguel, que sua prima não mentiria sobre isso.

Negaria até a morte.

— Não, papai, não fiz isso. Juro ao senhor.

— Não jure mentiras. Bem sei que fez. Vá buscar o diário!

— Mas, papai, eu não o tenho!

— Miguel, obedeça-me. Vá buscar o diário de sua prima!

Todos estavam na sala, dona Fátima, sua vó, seu Aristides, Mãe Genô, sua tia, sua prima e seu irmão. Olhares acusadores, sabia que ninguém acreditaria nele. Mas não daria o *braço a torcer!*

— Não o tenho, papai.

— Chega, Miguel. Vá agora para seu quarto, pensar na sua vida, está de castigo... castigo...

— Mas, papai...

— Sem mas, papai. Para seu quarto e sem jantar hoje!

E voltando-se para Aristides completou:

— Por favor, passe uma corrente naquela janela, quero ver por onde esse rapazinho irá pular agora.

Aristides fez que sim, com a cabeça, e foi buscar uma corrente e um cadeado para fechar a janela.

Miguel voltou para seu quarto, estava de castigo mais uma vez, em menos de 24 horas. Logo agora que seria posto fora dele. Que veria os trens! Os trens! E de castigo.

Entrou no quarto, bateu a porta, estava enfurecido. Seu pai pedia desculpas a sua sogra e a sua cunhada. Dona Fátima triste foi até a cozinha e foi consolada por Mãe Genô que já aprontava um chá. Aristides, logo que pusera a corrente na janela, fora incumbido de levar Marcelo no carro para dar uma volta e fazer o pequeno se esquecer de tudo o que passara, não era bom para a criança presenciar tantos conflitos! Pensavam.

Do quarto ouviu seu pai dizer a dona Maroca:

— Não sei o que fazer com esse menino. Todo dia me apronta uma! Vou mandar para o Rio de Janei-

ro para estudar com seu tio, ele saberá por Miguel a rédeas curtas. Não paro em casa senhora, minha sogra. Trabalho para trazer de tudo para este menino.

Trabalha tanto que nunca está em casa, pensou Miguel, chorando em sua cama.

Na cozinha, dona Fátima, conversa com Mãe Genô:

— O que fiz de errado com Miguel? Sempre tão rebelde e arteiro. Tão diferente de Marcelo!

— Você não fez nada de errado! Ele é assim: diferente. Vou fazer promessa para nossa Senhora da Assunção. Vou à Sé. Rezarei um rosário de joelho por esse menino. E a senhora vai ver, ele há de tomar jeito!

— Obrigado, dona Genô, não sei o que faria sem você?

## PASSANDO DOS LIMITES

Passada toda a confusão, dona Fátima, já sentada com o marido na sala, deu a carta a doutor Melchior que a abriu e reconheceu a letra miudinha e bem traçada de sua irmã.

*Baixio, 10 de outubro de 1928.*

*Querido mano,*

*Mamãe se queixa demais de sua ausência, já não vem nos visitar faz quase dois anos. Ela está se sentindo desprezada pelos filhos. Não adianta pedir para ela ir a Fortaleza, diz que está muito velha para uma viagem tão longa nesses trens. Verdade que se encontra adoentada, acredito que seja tristeza, sabe como ela gosta de casa cheia! Lamenta, todos os dias, você e mano Baltasar terem ido morar em Fortaleza.*

*Tenho também uma boa notícia, você será tio. Estou entrando no quarto mês. Belmiro já disse que você e Fátima serão os padrinhos, e não aceitamos um não como resposta, a última vez que veio aqui foi*

*em meu casamento, pois que venha para o batismo de seu sobrinho ou sobrinha. Queríamos que fosse uma menininha, Belmiro já tem 14 sobrinhos e uma princesinha seria de grande alegria.*

*As chuvas foram boas, a casa de farinha produziu bem este ano, e os cajus foram de encher os caçúas, como dizem por aqui. Baixio está crescendo depressa, cada dia mais casas são construídas, a linha de ferro trouxe muitas novidades!*

*Mamãe envia sua benção e diz estar com muitas saudades. Lembra ainda para você cuidar de Baltasar, ela não esquece o quão desmiolado é nosso irmão. Mamãe pede também que, como sabe que você não virá agora fazer uma visita, mande as crianças em dezembro, traria grande alegria. Mesmo Lúcia poderia vir.*

*Um grande beijo de sua mana que muito o ama.*

*Maria das Graças.*

Doutor Melchior dobrou a carta tão logo terminou sua leitura para Fátima, estava pensativo. Talvez houvesse algo a se fazer por Miguel. Talvez.

Aristides chegou em casa com Marcelo que foi recebido por Mãe Genô que já o esperava com um mingau esfriando na cozinha. O menino foi colocado no quarto por ela, tão logo viu a janela fechada pediu para que a abrisse.

— Meu amor, seu pai mandou fechar. Mãe Genô vai deixar a porta aberta – e o aconchegou na cama e saiu.

Miguel que ainda não estava dormindo, com raiva ainda, levantou-se e foi fechar a porta. Marcelo mais que imediatamente pediu:

— Deixe aberta, Miguel.

Mas Miguel não fez conta do irmão.

Marcelo pulou da cama e foi até a porta com a intenção de abri-la, mas esta estava fechada; correu à janela, fechada também por uma corrente que passava pelas duas metades entre as basculantes. Começou a sentir um falta de ar, o coração palpitando a saltar-lhe

o peito e correu para porta sem poder falar, batendo-lhe descontroladamente, estava em pânico.

Miguel vendo aquilo pulou da cama em busca da chave, agora passara de todos os limites. Sabia que agora sim teria castigo de verdade. Doutor Melchior correu até a porta do quarto dos garotos, mas esta estava fechada. Dona Fátima atrás muito aflita perguntava:

— Tu fechaste a porta Genô?

— Não senhora, deixei aberta... deixei aberta...

— Abra esta porta, Miguel. Abra esta porta – ordenava doutor Melchior.

Miguel não lembrava onde havia deixado a chave, não sabia se a procurava ou se socorria o irmão.

— A chave papai, não sei onde está!

— Abra esta porta...

E Marcelo em pânico, batendo na porta como um louco.

— Papai não sei onde deixei, não sei! Eu juro!

Mas sabia que seu pai não acreditaria nele.

E Marcelo, cada vez mais, desesperado, sem ar, ficando roxo de pânico dentro do quarto fechado.

— Melchior faça alguma coisa, vá chamar Aristides.

Doutor Melchior correu casa adentro para buscar Aristides que morava em um quartinho no fundo do quintal e voltou com o homem ainda abotoando as calças com um pé de cabra na mão. A ferramenta, conduzida pelas habilidosas mãos de Aristides, encontrou abrigo entre o forramento e o trinco da porta para, em um movimento preciso, ser arrombada de uma vez.

No quarto, Marcelo caído ao chão, aos braços de Miguel que não sabia como acalmá-lo. Dona Fátima levantou Marcelo e o levou para a cozinha:

— Passou... Passou... – assoprava sua testa enquanto o segurava nos braços.

— Mãe Genô está aqui, passou... já passou... – e a criança soluçava tentando respirar.

Doutor Melchior olhou duramente para Miguel que caído no chão chorava.

— O que você fez?

— Não foi por querer papai... não foi... eu não queria que...

— Estou adiando isso faz muito tempo, mas agora não vejo outro remédio. – passou a mão no cinto desafivelando-o.

— Não, papai, juro... não foi por maldade...

Naquela noite quem passou pela Avenida Visconde do Cauípe, ouviu o choro de um rapazinho na residência do doutor Melchior Almeida, para depois uns soluços surdos serem abafados por um travesseiro.

Marcelo era claustrofóbico e dizer que Miguel não fora o responsável por isso seria esconder um fato inquestionável. Quando Marcelo tinha apenas cinco anos foi brincar de esconde-esconde com o irmão e mais dois vizinhos. Os demais garotos não gostavam de brincar com Marcelo porque ele era ainda muito pequeno. Ficava sempre de *café com leite*, como chamavam aqueles neutros nas brincadeiras. Miguel teve a brilhante ideia de esconder Marcelo em uma caixa no fundo da garagem. Disse

ainda para o irmão que se ele demorasse a ser encontrado era porque, com certeza, o esconderijo era muito bom. Na verdade, queriam brincar sem serem importunados. Acontece que, ao fechar a porta da caixa, Miguel não percebeu que ela se trancava e só podia ser aberta por fora.

Os meninos foram brincar e se esqueceram completamente de Marcelo, para piorar, Miguel ainda fora para a casa de um dos amigos para almoçar lá e só voltou no final da tarde para encontrar a família apavorada pelo sumiço do caçula. Dona Fátima chorava, desconsoladamente, amparada por sua mãe e por Mãe Genô. Sr. Aristides já havia buscado em todas as residências da vizinhança e redondezas e nada do pequeno Marcelo. Doutor Melchior até a polícia já havia chamado. Foi aí que Miguel, que não fora chamado na casa do vizinho para ser poupado de tanta angústia, percebeu que havia feito algo muito grave. Correu até a garagem e encontrou Marcelo desmaiado dentro da caixa.

Por ter pouco mais de nove anos fora poupado de um castigo maior, mas o trauma que ficara em Marcelo, este não o poupou e agora o menino tinha

medo, verdadeiro horror de ambientes fechados. Entrava em pânico, ficava sem ar, descontrolava-se, palpitava-lhe o coração. Uma angustia desmedida!

Aristides fora incumbido de retirar a porta do quarto dos garotos, o que foi feito na mesma noite, sob comentários monossilábicos de que nunca tinha visto casa de tanta loucura.

## **AULAS PARTICULARES**

No outro dia, como de costume, doutor Melchior não estava em casa, saíra ainda de noite. No quarto, Marcelo não estava, havia ido dormir no quarto dos pais. Miguel levantou-se e foi até a cozinha e encontrou Mãe Genô passando um café.

— Onde está mamãe?

— Ainda não acordou. Ficaram até tarde cuidando de Marcelinho.

— Não fiz de maldade, Mãe Genô... A senhora acredita em mim?

— Oh meu querido, claro que acredito. Sei que você tem um bom coração. Mas quando se conta uma mentira, as pessoas deixam de acreditar em nós.

— Papai está muito triste comigo.

— Dê-lhe alegrias e ele esquecerá tudo.

— Como está Marcelinho?

— Está bem, conseguimos acalmá-lo e ele dormiu tranquilo.

— Obrigado, Mãe Genô. Obrigado.

Miguel tomou seu café da manhã e foi para escola disposto a não arrumar mais confusão. Tomou o bonde nem mesmo esperou Maneco. O bonde subiu tilintando a Visconde de Cauípe até alcançar a Duque de Caxias. Na rua cruzou por padeiros com seus cestos de pães levados à cabeça, peixeiros trazendo seus peixes recém-pescados ainda naquela madrugada por um jangadeiro *afuito*, meninos engraxates que já iam para seus pontos disputar seus tostões com suas caixas de engraxates. Senhorinhas tomavam Sol à porta de casas com um livro à mão. Senhores liam as notícias nas páginas do *Correio Cearense*, do *O Nordeste*, da *A Gazeta de Notícias*, ou ainda nas do mais novo jornal, fundado naquele ano, de propriedade de Demócrito Rocha, *O Povo*. Carros e camionetes com suas estridentes buzinas características disputavam o espaço entre carroças, bondes e pessoas. Fortaleza despertava!

A aula passou lentamente, sua cabeça distante o levava para casa, pediria desculpas a seu irmão, tinha que fazer isso. Sentia-se muito mal! Quando o sino tocou, encontrou Maneco o esperando à porta do colégio.

— Homem, por onde andava que não o vi hoje ainda?

— Estava na sala, não fui para o recreio.

— Tenho uma novidade, vamos ao porto hoje ver a chegada dos navios. Quer ir comigo? Papai vai nos levar.

— Estou de castigo.

— Ainda?

— Iria ser liberado ontem, mas fiz meu irmão entrar em crise.

— Você não tem remédio.

— O pior é que tenho que ter.

Os meninos pegaram o bonde e voltaram para casa. Já em casa, Miguel encontrou sua mãe sentada à mesa da varanda com Marcelinho a tomar-lhe uma lição de leitura. Ao ver Miguel, dona Fátima, séria mandou que ele se sentasse e continuasse a ensinar a lição ao irmão. Marcelo não mostrou ressentimento e Miguel se esforçou para fazer o melhor. Após o almoço, que desta vez contou com a presença de doutor Melchior foi dada a notícia:

— Hoje se iniciarão suas aulas particulares. Dona Eleonora virá aqui todos os dias, das duas e meia até às cinco, para dar aulas de reforço a você. Não quero mais saber de vadiagem na rua. Agora se tornará um homem!

Miguel não disse nada, calado estava, calado ficou.

Logo após o almoço, tirou uma ligeira sesta, mas já estava de pé e bem acordado às duas e trinta, esperando dona Eleonora, quando ela chegou.

Eleonora era uma senhora alta, magra, de ar sisudo e fala grossa para uma mulher, acharam os meninos, mesmo Marcelo notara isso. Mas se comportava com educação e sabia se portar bem nas casas mais refinadas de Fortaleza de ares burguês.

Aritmética, Latim, Ciências Naturais, Gramática, Álgebra, Geometria, História do Brasil e Universal... não havia nada que essa mulher não soubesse. E suas tardes viraram uma tortura sem fim! Nos primeiros dias, Maneco ainda passou por lá para convidar o amigo para sair, mas logo desistiu quando percebeu que o castigo fora grande e aplicado integralmente. Nem mesmo Baltasar se atrevia a

convidar Miguel para sair com ele nas suas horas de estudos particulares.

Um dia, porém, à noite, conversando com Mãe Genô, perguntou:

— Por que dona Eleonora é tão rígida e aborrecida?

— A vida lhe endureceu o coração. Ficou viúva ainda nova e viu seu filho único morrer em um navio afundado na guerra. Essas coisas deixam cicatrizes.

Miguel pensou... pensou... havia algo a ser feito. Sabia agora seu ponto fraco. Foi até sua mãe:

— Mamãe, queria dar um presente à dona Eleonora. O que a senhora acha?

— Oh meu filho, que ideia ótima, sábado iremos ao centro e poderemos escolher um perfume nas butiques.

Miguel sorriu, tudo estava saindo conforme o planejado.

— Aproveitaremos para marcar com o fotógrafo.

— Vamos tirar fotos?

— Sim, será um presente.

— Para quem?

— Você saberá, você saberá – e não disse mais nada.

No sábado compraram um perfume e na segunda-feira Miguel presenteou Eleonora que ficou desconcertada, principalmente quando Miguel beijou-lhe os cabelos. Desse dia em diante, um doce, um cartão, uma flor, um lenço bordado eram apresentados semanalmente e dona Eleonora de sisuda e áspera passou a doce e paciente com Miguel que, por fim, conseguiu tornar suas aulas particulares suportáveis. Mas, acabou se afeiçoando de verdade com a professora e quando os resultados do ano saíram e a professora fora dispensada, abraçou-lhe apertadamente e confidenciou:

— Eu não gostava da senhora...

— Eu sei... Por isso me dava tantos presentes...

— A senhora sabia?

— Quando a esmola é grande, o santo desconfia.

— Mas agora eu gosto...

— Eu também sei disso.

E riram-se.





## EXPULSO DE CASA

Embora Miguel estivesse se envolvendo em menos conflitos, sua relação com seu pai não melhorara. Não o havia perdoado ainda pela noite da crise de Marcelo e nem doutor Melchior havia se esquecido disso. Dona Fátima não estava gostando nada disso, mas não havia meios de convencer o marido de que ele deveria ser menos duro com o filho.

Já era dezembro, quando Baltasar chegou à casa de Miguel e todos entraram no carro em direção à Praça do Ferreira para comprar roupas, melhor dizendo, comprar cortes de tecidos. As ruas estavam empilhadas de gente e a maior diversão era ver as vitrines, especialmente, enfeitadas para o Natal, tradição na capital. Cada comerciante se esforçava em chamar atenção de quem passava, tornando o centro ainda mais movimentado. Marcelo encantado com as vitrines, não sabia qual ver primeiro e a Praça do Ferreira fervilhava de gente.

Miguel não sabia o motivo daquelas compras, a princípio achou que seriam roupas para o final do ano, mas começou a desconfiar quando viu sua mãe comprar tecidos para roupas comuns e quando a viu comprar presentes para quem não se interessou em perguntar. Estavam já com o carro cheio de compras quando Baltasar disse:

— Fátima, vou até mais adiante, levarei o Miguel comigo.

Fátima, com um suspeito ar de cumplicidade:

— Vá Baltasar, aproveitarei para ir a Sé com Marcelo.

Todos entraram no carro e Baltasar parou na praça, em frente à Sé, Fátima desceu do carro com Marcelo e Baltasar deu partida no motor em direção à Praia de Iracema. Desceram do carro, de onde estavam viam o trem na ponte sendo descarregado, Miguel teve vontade de correr até lá, mas estava longe e não era possível se aproximar demais por conta da movimentação dos trabalhadores na ponte. Encostou-se ao carro e perguntou:

— O que está acontecendo, tio Tareco?

Baltasar o olhou, profundamente, se fosse filho dele nunca permitiria isso, mas seu irmão era uma *mula teimosa*.

— Você vai visitar sua vó em Baixio...

— Nossa! – surpreendeu-se – quando?

Sabia que iria de trem e isso para ele seria mais que um presente.

— Vamos todos juntos? – perguntou ainda.

— Não, Miguel, irá você, Marcelo e Lúcia.

Lúcia! Surpresa desagradável. Esperou que o tio dissesse quem mais iria com eles, mas como ele ficou em silêncio.

— E quem mais?

— Somente vocês. Iremos depois no batizado de nosso sobrinho, filho de sua tia.

Miguel já sabia que sua tia iria ter um filho, mas sabia também que a criança não nascera ainda.

— Vamos ficar lá até o bebê nascer e ser batizado?

— Não, não ficaremos lá. Seria muito tempo.

Já desconfiando do que o tio diria.

— Você ficará lá, os outros voltarão.

Não era possível, era seu pai, tinha certeza, estava sendo enviado para morar com a avó, estava sendo mandado embora de casa.

— É ele, não é, tio Tareco? É ele que não me quer em casa?!

—Não é bem isso, ele acha que se você tiver contato com outras pessoas...

— Com gente estranha para me castigar... para trabalhar... sofrer um pouquinho...

— Não é isso...

— Claro que é? Nem teve coragem de me dizer pessoalmente e pediu para que o senhor me dissesse. Eu o odeio tio... eu o odeio... – e chorou.

Baltasar o abraçou e nada mais foi dito, nada mais foi ouvido.

Quando naquela semana o fotógrafo chegou e encontrou a família toda reunida para as fotos, encontrou Miguel alegre, havia decidido não dar o *braço a torcer*, seria forte até o fim. Mais de vinte chapas foram batidas em uma máquina lambe-lambe em que

o fotógrafo se cobria com um pano antes de bater as fotos. Lúcia e seus pais, além da vó dos meninos participaram das fotos. Os homens usavam ternos muito bem passados; as mulheres, longos vestidos e seguravam ramalhetes e leques. Mesmo Mãe Genô participou das fotos, sua recusa não fora aceita por doutor Melchior e dona Fátima. Marcelo usava sapatos, meias altas e um termo completado por uma boina, especialmente, comprada para a ocasião. Miguel, já usando calças compridas, não dispensou sua boina e se esforçou para parecer o mais feliz possível.

Quando o álbum chegou, Miguel sabia que já estava chegando a hora, para os demais seria uma viagem de férias, mas para Miguel um adeus. O álbum seria um presente para sua avó e foi confiado a Marcelo que não se desgrudou dele desde sua chegada. Já eram meados de dezembro, as malas foram ajeitadas sob as lágrimas de Mãe Genô e dona Fátima. Uma cabine fora reservada no trem que sairia no final da tarde e Ernesto, um condutor amigo de Baltasar, funcionário da linha de ferro, fora pessoalmente gratificado por doutor Melchior para garantir que as crianças viajassem em segurança. Melchior sugeriu que deixassem

a porta fechada, mas que não cobrisse a janela com as cortinas, explicou-lhe que Marcelo tinha problemas com ambientes fechados. Naquela época, os vidros das janelas dos vagões eram abertos somente pela parte de cima por medida de segurança e para permitirem a circulação de ar.

Eram 16 horas quando Baltasar chegou para levá-los à estação. Começou carregando as bagagens, passando pelo irmão falou ainda:

— Tem certeza do que está fazendo? Ainda há tempo para voltar atrás. Fale com ele.

— Não, já está tudo decidido.

Baltasar suspirou decepcionado.

Aristides tirou o outro carro da garagem, doutor Melchior deu passagem a dona Fátima e abriu-lhe a porta, ela tinha os olhos vermelhos de tanto chorar, no último instante, desistiu de acompanhá-los e beijou os filhos demoradamente, despediu-se de cada um e voltou para casa, não queria ver a saída deles. Marcelo não entendia o motivo de tanta tristeza, estavam saindo de férias, logo estariam de volta!

Sentaram-se, as crianças atrás e os dois carros partiram deixando para trás Mãe Genô, chorando na varanda e os pais de Lúcia desejando votos de boa viagem em um suspeito ar de satisfação.



## NA ESTAÇÃO

Os fordes pararam em frente à Estação Central de Fortaleza, hoje Estação Professor João Felipe. Miguel já havia lido sobre esse prédio, sabia que a estação fizera parte da Estrada de Ferro de Baturité e que havia sido projetada e construída pelo engenheiro Henrique Foglare, no local, onde um dia existiu o antigo cemitério de São Casemiro e contara com a mão de obra dos retirantes da seca de 1877. O prédio tinha um único pavimento e a fachada central com suas colunas, sustentando um frontão triangular, onde um relógio marcava ininterruptamente as horas, lembrava as antigas construções gregas.

Miguel desceu do carro e contemplou aquele prédio, queria guardá-lo na memória, sabia que tão cedo não voltaria a vê-lo. O grande relógio da estação marcava cinco e meia, o trem deveria sair às seis rumo ao seu destino, eles saltariam, ao raiar do dia em Baixio. Aristides pegou as malas, auxiliado por

Baltasar. Subiram o lance de escadas. Ao passar pelo saguão, Miguel se separou do grupo, correu pela plataforma, havia visto o trem que os levaria e queria vê-lo em todos os detalhes. Era uma composição puxada por uma *Consolidation* com suas duas rodas no truque guia, as rodas menores da frente, e mais oito rodas motrizes, as ligadas aos braços e presos pelo puxante, que se ligava a haste do pistão, uma das mais possantes máquinas da RVC, a Rede de Viação Cearense, que congregara em 1910 a Estrada de Ferro de Baturité e a Estrada de Ferro de Sobral. A locomotiva era grande e imponente, fumegava irritada. O tender, o primeiro vagão onde se levava o carvão para abastecer a fornalha da caldeira, estava cheio, anunciando uma longa viagem. Não tinha um truque traseiro, as rodas guias de trás. Miguel sabia que locomotivas semelhantes rodavam em muitos outros lugares do Brasil e do mundo. Para Miguel, desde o dia 30 de abril de 1854, quando a locomotiva Baronesa percorrera seus primeiros quilômetros na primeira linha de ferro do país. O Brasil mudara completamente e agora não havia distância que não pudesse ser vencida. No Ceará, quando a locomoti-

va Fortaleza deu sua volta inaugural, passando pela rua dos trilhos, hoje Avenida Tristão Gonçalves, em 1873, marcara, definitivamente, a entrada do estado nos trilhos da modernidade e Miguel muito se orgulhava disso. Um dia estaria no comando de uma dessas, sabia disso.

Uma mão o segurou pelo ombro, apertando forte e tirando-o do transe em que estava, era seu pai.

— Já está com suas travessuras, rapazinho? Aonde pensa que vai?

Nessa hora, um casal passou por eles e cumprimentou doutor Melchior que desistiu de chamar atenção do filho na frente de tanta gente.

— Olá, doutor Melchior, muito gosto – cumprimentou o homem, tirando-lhe o chapéu.

— Muito gosto – respondeu doutor Melchior, ainda com a bronca engasgada na garganta.

Os meninos foram levados às suas cabines. Por medida de segurança, Melchior achou melhor que viajassem todos em uma cabine, na verdade, no isolamento da cabine.

— Esta é a cabine de vocês.

Marcelo segurava o álbum nas mãos, não havia se desgrudado dele, ainda, desde sua chegada, fazia questão de presentear a vó.

— Nosso amigo Ernesto cuidará de vocês e apresentou um condutor da companhia.

— Pode confiar doutor Melchior, não deixarei nem que saiam.

— Ótimo Ernesto, mas deixe a janela aberta, Marcelo não se sente bem em ambientes fechados.

Miguel sentiu um dor a lhe cortar o peito, não estava acreditando no que estava acontecendo. Olhou para seu pai, segurou-lhe a mão, queria dizer-lhe algo, mas não teve coragem. E de sua boca saíram somente um balbuciar embargado por um nó na garganta.

— Papai...

Baltasar sorriu, imaginou que o irmão desistiria de toda aquela loucura e que abraçaria Miguel alegremente. No entanto, doutor Melchior largou a mão do filho, olhou-o nos olhos e disse:

— Quando voltar, será um homem.

Dirigiu-se a Marcelo e a Lúcia, despediu-se beijando-os. Baltasar abraçou forte o sobrinho que já lacrimejava e segredou-lhe ao ouvido.

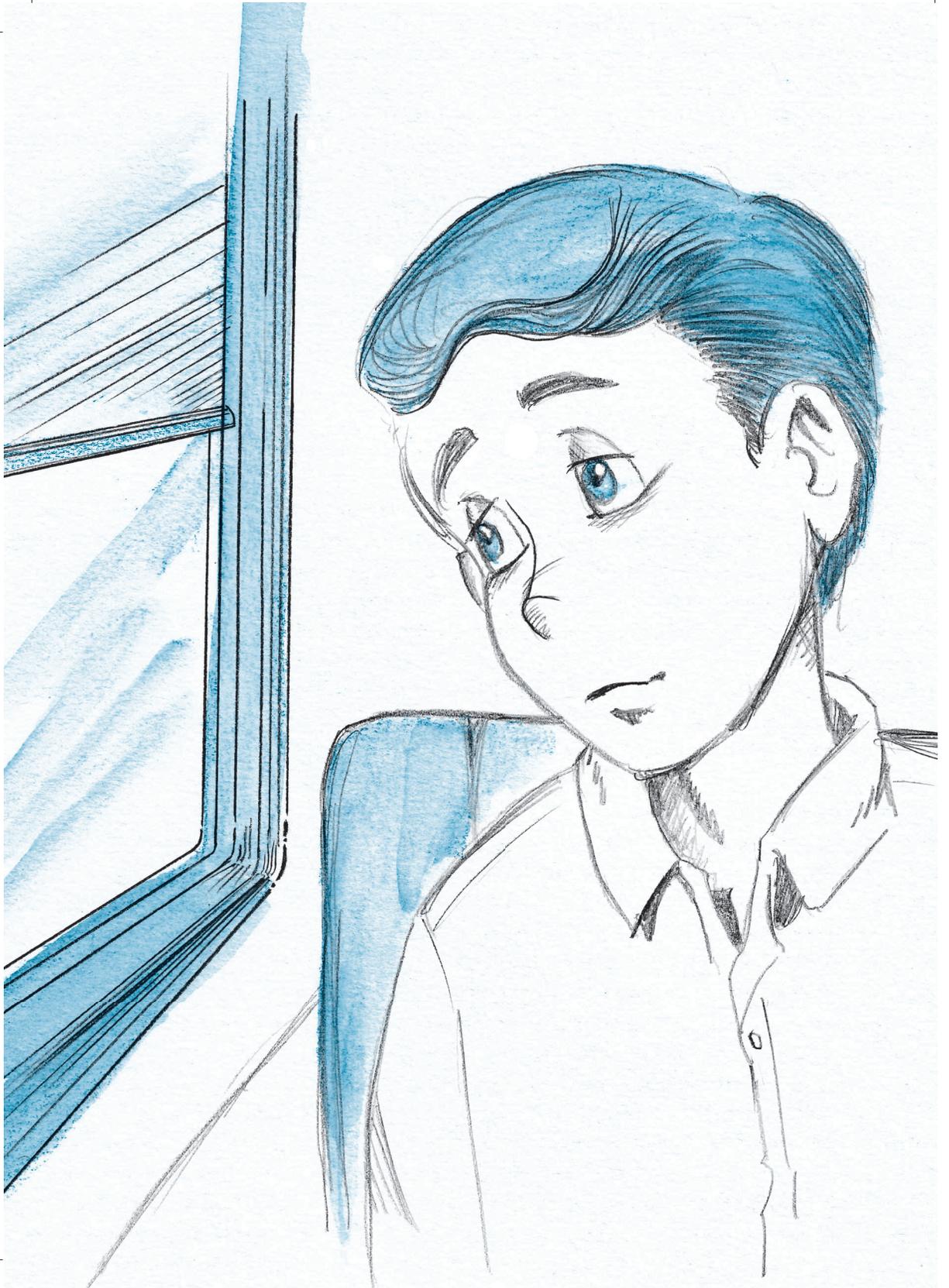
— Vou dobrar este ranzinza e logo estaremos indo à praia ver os trens.

— Eu o odeio, odeio esse homem, tio Tareco.

Baltasar ouviu, mas nada disse.

Era seis e quinze da noite quando o sino da estação foi tocado, anunciando o encerramento da venda de bilhetes. O trem apitou uma vez, pouco depois um segundo apito anunciou que a composição era posta em marcha. Da janela os meninos se despediram dos pais, do tio e de seu Aristides, ainda que uma carinha triste olhasse para eles.

Era exatamente seis e dezessete quando o Expresso Baturité partiu da estação.



## RUMO A ARRONCHES

O trem saiu lentamente e foi ganhando velocidade, passou pelo pátio de manobras e, ao luso fuscoco, viram da janela Fortaleza encoberta pelo véu da noite que acabara de cair sobre eles completamente. Algumas crianças corriam sorridentes acenando à passagem do trem, mulheres sentadas em tamboretos em frente de suas casas iluminadas por lâmpadas velhos e rotos paravam a conversa para verem o trem passando. E assim o trem ganhava distância de Fortaleza. Miguel olhava para tudo aquilo desolado, nunca imaginaria que seu pai faria uma coisa dessas com ele. Mas seria forte, não deixaria se abater, por um momento pensou que fosse amado, mas agora sabia: não o era. E isso o machucava sobre maneira. Pouco tempo depois, o trem foi diminuindo a velocidade, a princípio não entenderam o que estava acontecendo. Lúcia que desde o incidente do diário não mais falara com o primo perguntou:

— O que está acontecendo?

Miguel olhou para fora e viu uma estação se aproximando, era Arronches, atualmente, Parangaba.

— Estamos chegando a uma estação, não há problemas. Problema é esse seu perfume insuportável.

Lúcia havia de fato exagerado no perfume e, praticamente, se banhara com ele, a menina não queria chegar mal cheirosa à estação de Baixio.

— Grosso!

O trem foi parando... Parando... Até que resfolegou e em um baque todos sentiram a composição frear definitivamente. Muitas pessoas esperavam na estação, de repente, um burburinho tomou conta do ambiente, enquanto novos passageiros subiam, até que o trem apitou longamente e começou a se mover para ganhar velocidade.

De repente, uma senhora baixa e gordinha de pele morena e ar bondoso abriu a porta da cabine.

— Olá crianças.

Os meninos se assustaram, haviam entendido que ninguém mais compartilharia aquela cabine.

— Acho que este também é meu lugar.

A turma sorriu e a cumprimentou educadamente. Neste mesmo instante, com a intenção de trancá-los na cabine por toda a viagem, Ernesto chegou à porta, abrindo-a de supetão:

— Muito bem seus moleques, vou...

Deu por conta da senhora na cabine.

— Oh! Desculpe-me, não sabia que a senhora estava aqui, mil perdões...

— Imaginei que os funcionários desta companhia batessem na porta antes de entrar.

Os meninos riram da cara do homem sem jeito e envergonhado.

— Perdoe-me senhora, não vai acontecer de novo.

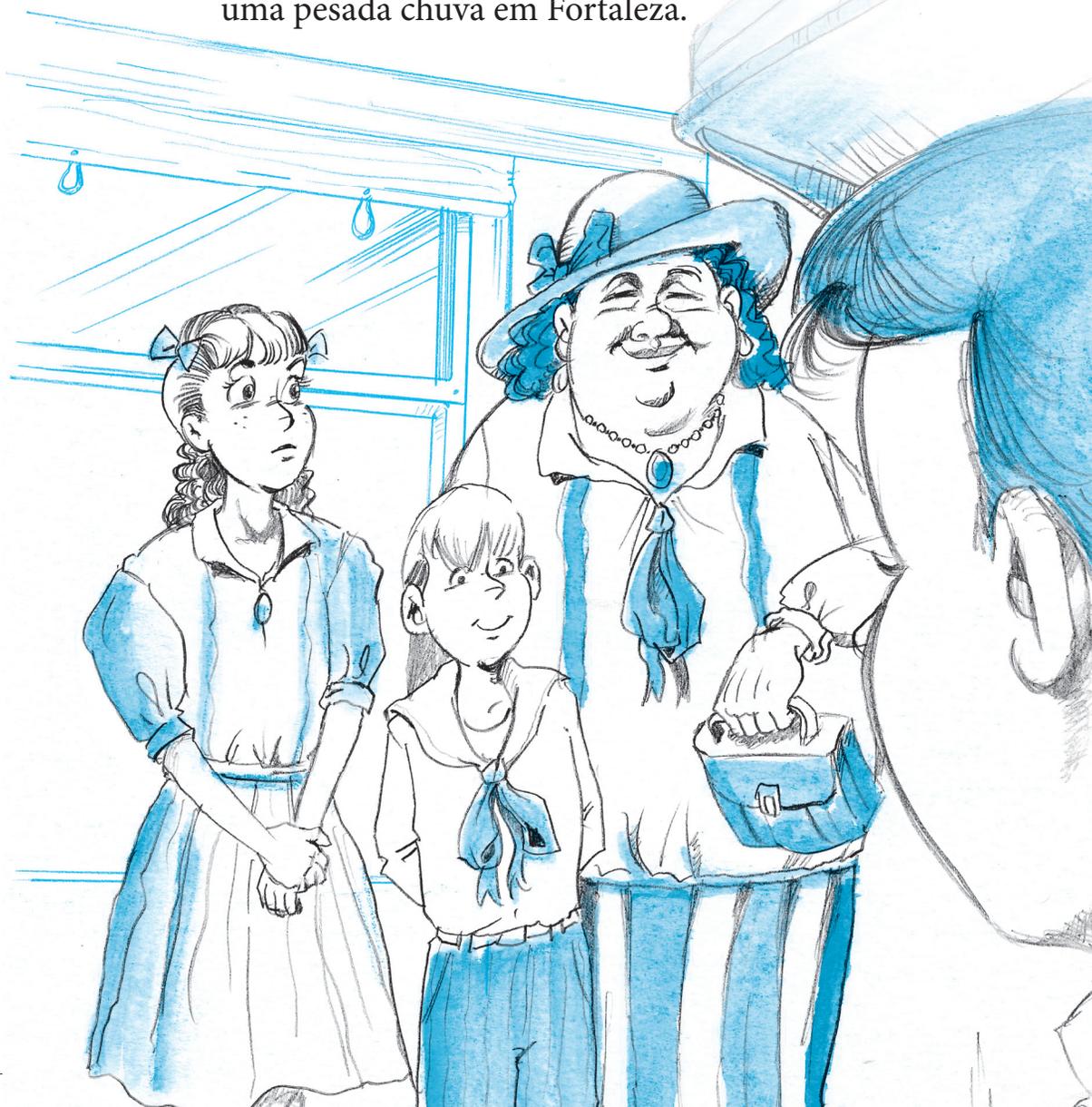
Miguel olhou debochadamente para Ernesto que o encarrou aborrecido e saiu sorrindo forçadamente. Ao fechar a porta, todos riram.

— Parece-me que aquele distinto homem não gosta de vocês.

— Nosso pai o mandou tomar conta de nós – disse Marcelo.

— Deve estar fazendo isso com muito boa vontade – comentou a senhora.

E o trem seguiu seu caminho na noite profunda que anunciava com seus relâmpagos ainda longe uma pesada chuva em Fortaleza.



## UM CRIME MISTERIOSO

Conversando, os meninos descobriram que a bondosa velhinha se chamava Maria e iria para Paraíba de onde pretendia pegar outro trem, para de trem em trem voltar para Minas Gerais, sua terra natal, onde ainda morava um filho.

Miguel não sabia que se podia viajar de trem de norte a sul do país, mas a senhora lhe respondeu.

— Um dia viajaremos por todo este país, novas linhas são construídas, todos os anos, nas nações desenvolvidas e neste país não será diferente.

Mas Miguel não estava bem certo do futuro promissor do país, algo não estava certo, ele ouvia as notícias no rádio à noite e, embora não entendesse, sabia que algo não estava certo.

O trem era formado por onze vagões, além da locomotiva. Havia vagões de bancos, vagões de cabines, como o deles, carro restaurante e um carro para levar bagagens e onde também funcionava a chefia

do trem, embora o chefe da composição preferisse estar distribuindo simpatia aos passageiros no carro-restaurante. Miguel estava doido de vontade de sair de vagão em vagão, palmilhar cada centímetro.

Propôs:

— Vamos dar uma volta. Ao que Lúcia respondeu:

— Não podemos sair daqui e não quero me meter em problemas.

— Eu nunca que faria isso: meter-me em problemas! O que a senhora acha dona Maria?

A senhora respirou fundo e disse saudosamente:

— Digo que só temos uma vida e ela passa tão rápido.

Miguel sorriu:

— Então vamos?

Marcelo, mais que depressa, pulou da cadeira com o álbum nas mãos, Miguel ainda lhe pediu para que ele o deixasse lá, mas não o ouviu e o levou consigo. Lúcia, sentindo-se derrotada resolveu seguir os primos.

Deixaram a cabine com dona Maria, ensaiando um cochilo.

O longo vagão estava deserto, todos estavam em suas cabines. Quando chegaram à porta dos fundos, sentiram o coração bater forte, nunca tinham feito isso antes. Abriram-na e depararam-se com um guarda-corpo e escadas laterais. Olharam para o chão entre os vagões e viram o trilho mal iluminado a passar rapidamente.

— Vamos atravessar?

— Você está louco... E se a gente ca...

Mas antes que desse conta do que estava acontecendo Marcelo já a chamava no outro vagão:

— Vamos Lúcia! Vamos!

Resmungando:

— Eu sei que vou me arrepender disso! – e apoiando-se no guarda-corpo atravessou.

O outro vagão também era de cabine, estavam caminhando para o fim do trem. Passaram por outro de cabines e chegaram ao primeiro vagão de bancos. Nestes primeiros vagões havia senhoras e senhores

ricamente vestidos, estavam na primeira classe. Aqui havia bancos macios e luzes a iluminar tudo. Mais um vagão e chegaram aos da segunda classe; bancos duros e uma iluminação mais fraca fazia companhia aos passageiros. Aqui as pessoas usavam trajes simples e surrados. As crianças choravam, uma confusão de aromas se misturava no ar, mas o que mais chamou atenção dos meninos foi a alegria denunciada nos gestos espontâneos e na conversa tranquila. Um a um os meninos foram cruzando os vagões, até darem com o último que estava misteriosamente às escuras. O vagão chocalhava mais que os outros, talvez por ser o último, talvez ou por estar de bancos vazios. Os garotos foram caminhando com a intenção de olharem os trilhos da pequena varanda de fora, quando foram surpreendidos por vozes alteradas de pessoas que já estavam lá. Parecia que dois homens discutiam. Assustados, Miguel ergueu a mão para fazer com que os demais parrassem. Algumas réstias de luz entravam pelas janelas e iluminavam os bancos que vazios tinha um ar assustador. Sem que esperassem, ouviu-se uma forte batida, parecia que um dos homens fora jogado contra a parede do vagão, batendo com a cabeça para

em seguida tombar, ou ser empurrado do trem. Mas que depressa os garotos se esconderam entre os bancos. A porta se abriu e escondidos de onde estavam viram somente os sapatos do homem. Lúcia quase ia gritando quando o homem passou por ela, mas teve a boca tapada por Miguel. O homem parecia procurar alguma coisa, mas, sem nada encontrar, dirigiu-se para a porta. Antes de ele abri-la, porém, Lúcia, tentando se livrar do primo, em um movimento brusco, bateu com a cabeça no banco, produzindo um baque surdo. O homem parou e lentamente voltou para ver o que estava acontecendo, quando chegou aos bancos de onde achou ter ouvido a batida, nada encontrou. Nessa hora, a porta de trás do vagão bateu e o homem percebeu que, na pressa, a teria deixado aberta. Fechou-a e saiu. Os meninos haviam rastejado pelo chão e já estavam lá na frente do vagão. Esperaram um pouco até que Lúcia falou:

— Eu sabia que não devia tê-lo acompanhado, só arruma problemas. E agora?

— Agora temos que esperar, já pensou se este louco estiver aí no vagão da frente!



Marcelo estava mudo, apesar da pouca idade, sabia que um crime havia ocorrido.

Esperaram mais um pouco, mas, impaciente, Lúcia resolveu sair logo dali, ainda que Miguel tentasse convencê-la de que isso não era uma boa ideia ainda.

Passaram pelo primeiro vagão, segundo, terceiro e já estavam no quarto, quando Marcelo deu pela falta do álbum.

— Miguel! O álbum! Eu esqueci lá, Miguel.

Miguel e Lúcia se olharam. Não era possível! Que falta de sorte! Sem pensar duas vezes Miguel já ia voltando com Marcelo, quando Lúcia resolveu voltar sozinha para sua cabine. Miguel ainda olhou a prima, mas sabia, como naquela vez da caixa de cacarecos, que ela não os ajudaria, não disse nada para não chamar atenção dos demais passageiros e voltou com Marcelo para o último vagão.

Ao chegar ao vagão, encontraram-no vazio como antes, correram para onde haviam se escondido na primeira vez, agacharam-se por baixo dos bancos, rastejaram, mais uma vez, por onde haviam fugidos, mas nada encontraram. Sabiam que tinham um problema,

isso só poderia significar que alguém havia pegado o álbum e agora via as fotos e, certamente, os identificaria. Tornaram a voltar ao ponto de partida, nada, definitivamente, nem sinal do álbum. E agora o que fariam? Havia um assassino no trem que os poderia reconhecer. Resolveram sair, dirigiram-se até a saída, quando um vulto passou pela pequena janela da porta, fazendo Miguel se jogar e a jogar Marcelo contra a parede a fim de não serem vistos. Marcelo já ia perguntar o que estava acontecendo, quando Miguel fez sinal para que ele mantivesse silêncio com o dedo em riste em frente da boca. Marcelo gelou, o assassino estava do lado de fora. A porta foi aberta lentamente e os meninos foram se posicionando atrás dela. Um homem alto, magro, vestido com um paletó preto entrou, trazia em uma das mãos um estranho pacote que os meninos não identificaram e nem tiveram tempo de examinar melhor, pois quando o homem passou fechando a porta atrás de si, os meninos aproveitaram para sair sem serem vistos, e tudo teria dado certo se a porta não tivesse batido nesse momento, e o estranho homem não tivesse dado por conta de que alguém acabara de sair.

Saltaram para o outro carro, passaram e tiveram o cuidado de fechar a porta logo a sua passagem. Alguns passageiros que já dormiam naquele vagão, mais vazio que os demais, despertaram de um sobressalto reclamando:

— Corram daqui seus moleques!

Não era necessário mandar que corressem, pois não tinham a intenção de ficar onde estavam. Vagão a vagão correram sem olhar para trás até chegarem ao deles para dar de cara com Ernesto que os aguardava ansioso, segurando Lúcia pelo braço.

— Moleques atrevidos, não deviam sair daqui! Não quero vê-los incomodando os demais vagões. Entenderam-me?

E foram praticamente jogados para dentro da cabine. Miguel ainda tentou:

— Senhor, precisa nos ouvir...

Ernesto riu-se:

— Sua fama o precede rapaz, sei de suas mentiras. Seu pai muito me alertou. Para dentro todos!

A bondosa senhora não estava na cabine.

— Aonde foi dona Maria? – perguntou Miguel.

— Jogando, mas vocês vão dormir.

E já ia pegar no molho de chaves quando Lúcia disse-lhe:

— Se nos trancar como a senhora vai entrar?

Ernesto parou, pensou e disse por fim:

— Não saiam daqui, entenderam-me? Não saiam! Eu trarei o jantar de vocês.

E saiu batendo a porta.

Quando já estavam sentados, ainda com os corações acelerados, Lúcia perguntou:

— O que aconteceu?

— Vimos o homem, sabemos quem ele é.

Lúcia abriu a boca espantada.

— Ele correu atrás de nós – completou Marcelo.

— Não sairei mais daqui, para mim chega, quero só chegar na vovó e esquecer esta loucura.

— Mas um homem foi morto – indignou-se Miguel.

— E você por acaso é policial?

— E o álbum, ele está com o álbum – queixou-se Marcelo.

— Se o tivesse deixado aqui, não o teria perdido – completou Lúcia.

E discutiram mais um pouco, até que perceberam que o trem reduzia a velocidade mais uma vez, estavam chegando a Pacatuba e lá haveria uma parada.

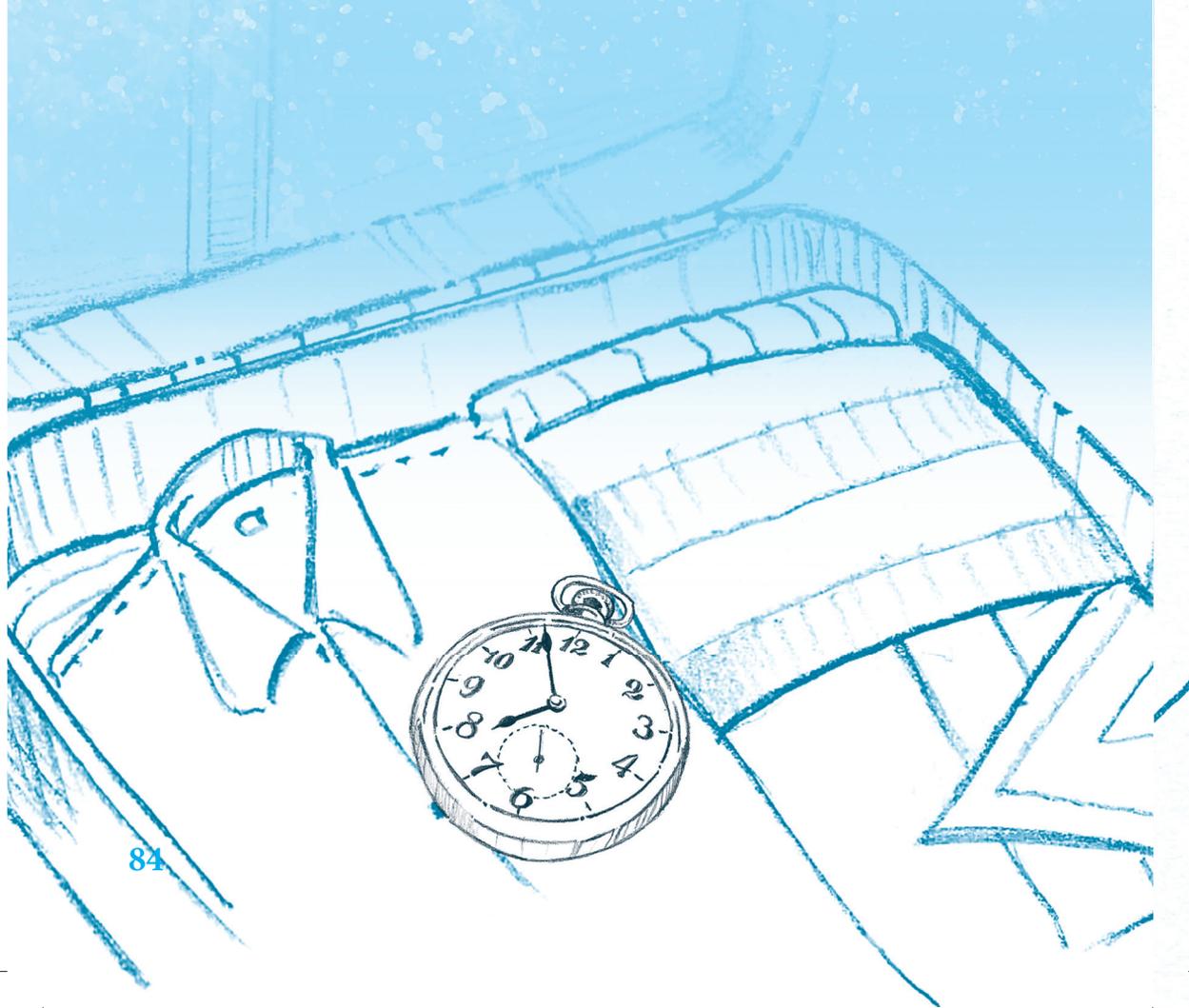
— Podemos fugir e avisar a polícia – sugeriu Marcelo.

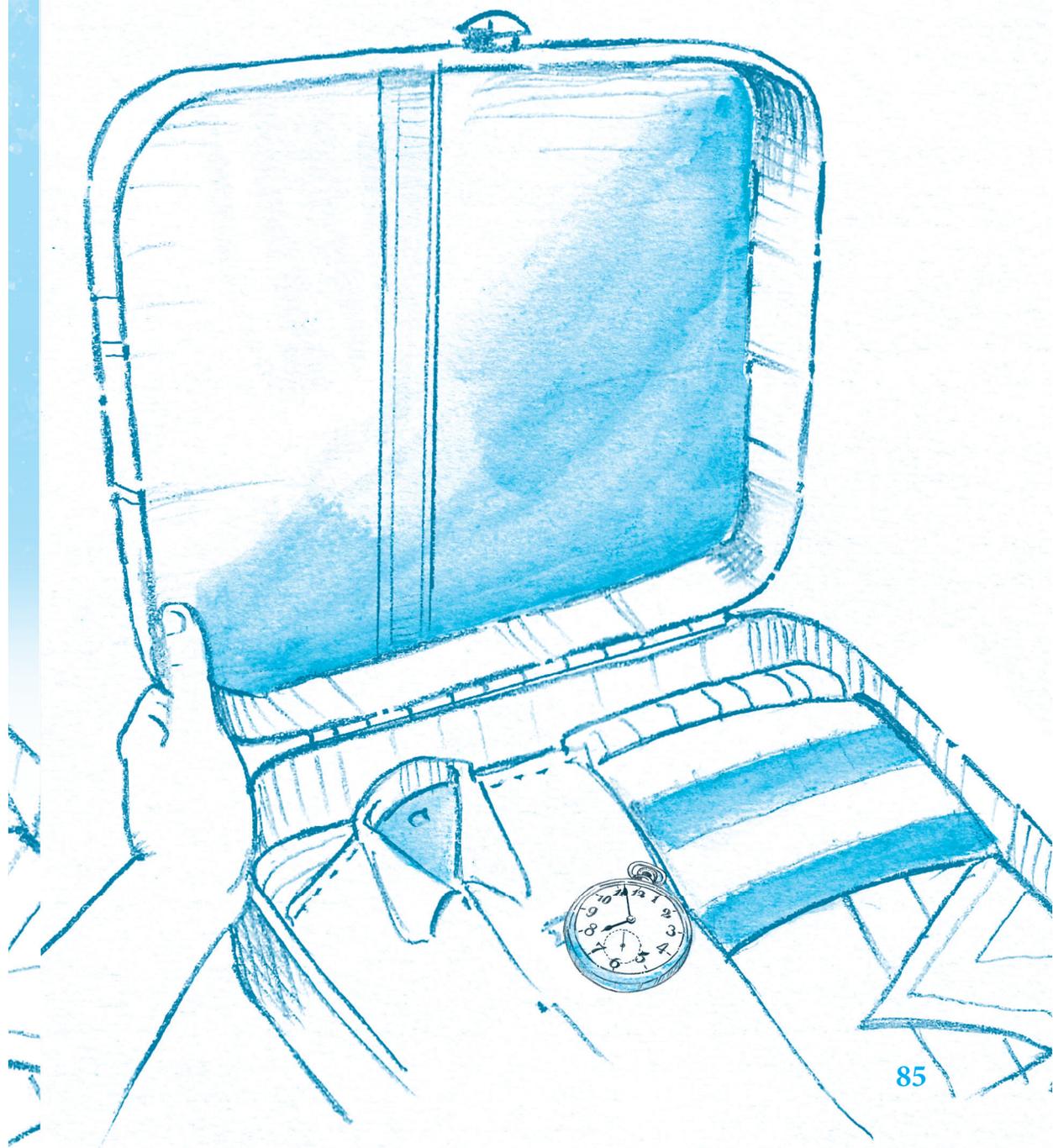
— Se o condutor não acreditou em Miguel, imagine estes policiais. Depois quando titio chegasse aqui teríamos sérios problemas – sentenciou Lúcia.

Miguel não gostou do que ouvira, mas sabia que seria dessa forma mesmo. Seu pai não acreditaria nele e acabaria criando um problema ainda maior.

E o trem foi parando até chegar à estação e, como da última vez, os meninos sentiram o baque dos freios. Lá fora caía uma chuva fina, fazia muito frio ao pé da serra. Como gostaria de estar em sua cama quentinha, pensou Miguel. Mas agora seu

novo lar se chamaria Baixio e de seu quarto guardaria somente a lembrança. Pegou uma pequena mala, de lá tirou um relógio de bolso que repousava sobre lenços e blusas, o relógio marcava já quase oito. A noite seria longa!





## MENINA EGOÍSTA

Pacatuba tinha, apesar de pequena, uma estação movimentada, ficava ao pé da Serra da Aratanha e seu nome provinha das pacas que um dia correram por lá. O homem de preto não saía da cabeça dos garotos, da janela observavam se não aparecia na plataforma alguém vestido assim.

De repente, o trem apitou e a pesada locomotiva começou lentamente a mover seus braços, agora o terreno era de subida e Miguel sabia que apesar de poderosas, as *Consolidation* tinham rodas pequenas e isso agora reduziria sua velocidade na subida da serra, mas a daria força para puxar dezenas de vagões. Uma cortina de vapor cobriu a todos e o trem partiu, a caldeira ardia intensamente, mas, mesmo assim necessitava de mais carvão. O foguista, o auxiliar do maquinista, jogavam com uma pá o carvão na boca da caldeira e o trem ia ganhando mais força e mais velocidade, seu apito se ouvia ao longe, a máquina ia enfurecida rompendo a noite.

Ernesto não demorou com o jantar, todos comeram, embora estivessem sem vontade, mas nenhum pensava em dormir, não haviam relaxado ainda.

— E agora? – perguntou Lúcia – eu devia ter descido na estação.

— Você só pensa em si mesma. Descia, voltava e tudo bem, desde que pudesse salvar a própria pele – indignou-se Miguel.

— Ora não me aborreça, nada disso teria acontecido se você não fosse tão arrumador de problemas.

E viraram a cara um para o outro. Lúcia abriu a mão e voltou-se para ver um anel com uma pedra, procurou fazer isso sem chamar atenção dos garotos, mas Marcelo vendo o anel exclamou:

— Que lindo!

Tão rápido, quanto um gato, Miguel pegou o anel de Lúcia:

— Só isso que te importa: joias!

Lúcia cravou as unhas no braço do primo e o teria machucado se ele não tivesse lhe devolvido o anel tão rápido.

— Basta seu grosso, me devolve já.

— Largue-me, jaguatirica... – alisando o braço – quase me despedaça. Menina egoísta!

E ficaram sem dizer mais nada um para o outro, até que o silêncio foi quebrado por Marcelo:

— E o álbum?

E o estranho homem sem sair da cabeça dos demais.

— E o álbum, Miguel?

— Nosso problema é o álbum, melhor ficarmos aqui e sair sem ser vistos quando chegarmos ao nosso destino – sentenciou o irmão.

Mas Marcelo disse algo que ninguém esperava:

— Estou com vontade de ir ao banheiro.

Lúcia arregalou os olhos, teriam problemas.

— Segura aí, quando a gente chegar você vai ao banheiro.

Lucia riu-se, coitado do primo, viajarão por toda noite.

— Não dá para esperar tanto.

— Pois faça aí na janela, para fora do trem.

Marcelo viu que não alcançaria a parte de cima da janela.

— Não alcanço, não dá. E também não vou fazer xixi na frente de uma menina.

Sem ter outro remédio, Miguel decidiu:

— Pois vamos, levo você.

Mas Miguel não queria ir somente com seu irmão:

— Lúcia, vem com a gente?

E Lúcia fingido não ter ouvido.

— Vamos prima... – lembrando-se do diário – devolvo seu diário – mentiu, porque nem mesmo lembrava onde o havia posto.

Lúcia o olhou meio torto:

— Promete?

— Prometido.

E saíram os três em busca de um banheiro. Não precisaram nem sair do vagão em que estavam, pois logo depois das cabines uma das portas estava escrito “toalete”. Miguel a abriu, o espaço era pequeno e

para sua tristeza tinha somente uma pequena entrada de ar. Marcelo quando viu já foi segurando com força a mão do irmão:

— Não entro aí.

— Deixo a porta aberta.

Mas não se sentiu nada confortável, imaginando isso. E sem outra saída Miguel propôs:

— Será bem rápido, entro com você então. Você consegue, estou aqui juntinho.

Marcelo assentiu com a cabeça e entraram no banheiro.

O trem entrava em um nevoeiro e da parte de cima aberta das janelas os pingos da chuva molhavam o corredor. Quando os garotos saíram já aliviados não encontraram Lúcia:

— Garota egoísta, voltou para a cabine – aborreceu-se Miguel.

Mas, quando chegaram à cabine, ela não estava. Foram até a uma das portas do vagão com a esperança de vê-la tomando um vento do lado de fora, mas também não estava; no outro lado, nada. E a triste

conclusão: Lúcia havia sido capturada. Não podia estar longe, para diante de um vagão com cabine, o carro-restaurante e o carro das bagagens e da chefia do trem antes da locomotiva; para trás, outros vagões de cabine os de cadeira da primeira classe e os de cadeira da segunda classe. Por onde começar? Dividirem-se, não achou Miguel boa ideia, correram para frente, no vagão só alguns passageiros, voltando do jantar ou do carteadado. Quando entraram no carro-restaurante, deram de cara com Ernesto, que partiu na direção dos dois:

— Mas vocês não têm jeito mesmo. Vou levá-los agora para a cabine de vocês.

Miguel só teve tempo de ver dona Maria conversando e jogando cartas com algumas outras senhoras em uma mesa perto do balcão. Mas ela nem chegou a vê-los.

Ernesto resolutamente levou os meninos até a cabine e sentenciou:

— Se eu o pegar novamente perambulando por esses vagões, contarei tudo a seu pai. Compreendeu?

Miguel e Marcelo ainda tentaram dizer algo, ex-

plicar o que estava acontecendo, o sumiço da prima, mas o condutor não lhe deu atenção e saiu aborrecido de volta ao carro-restaurant.

— E agora Miguel?

Miguel sem resposta.

## UM ESTRANHO FUNCIONÁRIO

O trem rompia a neblina que se intensificava à medida que o trem subia o maciço e a chuva passava. A próxima estação seria a de Baturité e o trem não tardaria a chegar.

— Temos que encontrar a Lúcia, Miguel – choramingou Marcelo.

Miguel teve a certeza de que Lúcia não faria isso por eles, mas mesmo assim reconsiderou e falou:

— Vamos sim.

Mas como achar Lúcia, onde ela poderia estar? Depois de uma breve discussão chegaram à conclusão que ela só deveria estar presa em uma cabine. Se não tivesse sido jogada para fora do trem como havia acontecido com o homem. Mas, isso não suportaria nem imaginar e partiram. Em cada cabine bateram, fingindo haver se enganado de lugar. Cada vagão tinha tão somente seis cabines, sabiam que

não seria tarefa fácil, mas não podiam deixar a prima sem ajuda.

Um a uma bateram as portas das cabines esperando achar novamente o estranho homem que haviam visto no último vagão. Decidiram ir em direção ao fim do trem, não queriam encontrar Ernesto novamente. Alguns abriram educadamente as portas, outros não gostaram de ser incomodados, pois, alguns viajavam em família e seus filhos já dormiam. Quando cruzavam para o último vagão de cabine, perceberam que a neblina não deixava ver nada do lado de fora. Fazia muito frio e um vento forte cortava o ar.

O trem seguia resolutamente, barulhento pelos trilhos que estrepitavam à sua passagem.

— Segure a minha mão, cuidado para não cair. Miguel auxiliava Marcelo quando em um relance olhou para a porta e viu um vulto novamente na pequena janela. Era o homem, ele estava lá. Mas dessa vez não correriam.

— Vamos, Marcelo!

Ao abrir a porta se depararam com um corredor



mal iluminado tomado de neblina. Vira ainda o homem sumir entre a névoa e sem pensar duas vezes, Miguel segurou o braço de seu irmão e partiu corredor adentro. O trem apitava alto e seguia a todo o vapor serra acima. Foram até o outro vagão, depararam-se com os passageiros em suas poltronas, alguns já dormindo e outros ainda conversando. Tiveram a certeza que o estranho homem não poderia ter tido tempo de atravessar todo o carro. Só poderia estar no outro. E voltaram. Estava Miguel tão tomado pela vontade de achar sua prima que nem imaginou que o homem também poderia pegá-los. Mas como seu pai já havia dito tantas vezes, ele não era do tipo que pensava, ele fazia primeiro para comemorar ou se lamentar depois.

Miguel bateu a porta do toailete, nada ali. Bateu na primeira cabine, esmurrou na verdade, parecia vazia. E a próxima não foi diferente e a próxima... para surpresa de todos, um funcionário da RVC a abriu e segurou fortemente seu braço:

— Moleque!

Seu olhar era duro, o homem usava um unifor-

me igual ao de Ernesto. Miguel sentiu que o homem o machucava.

— Agora conversaremos. E já ia puxar Miguel para dentro da cabine quando Ernesto apareceu e bufou;

— Não posso acreditar, você de novo! Olhe aqui rapazinho, contarei tudo ao seu pai. Acordou todos os passageiros.

E já foi pegando Miguel e Marcelo para levá-los à cabine deles, quando percebeu que o amigo segurava Miguel rudemente:

— Não precisamos disso. – sorriu para o outro que largou o braço do garoto.

Miguel massageou o braço, pensou em ameaçá-los de contar tudo para seu pai, ainda que ele tivesse a certeza de que nada valeria, mas aqueles homens não sabiam disso.

— Doutor Melchior saberá como seu filho foi bem tratado no Expresso Baturité da Rede de Viação Cearense.

— Venha comigo, os levo até a cabine – desconversou Ernesto em um sorriso artificial.

O outro ainda tentou impedir dizendo:

— Deixe, levo-os.

Mas Ernesto respondeu sem deixar margem para argumentos:

— Tenho certeza que melhor será eu levá-los. E você volte para o restaurante, estão lhe procurando lá.

Miguel saiu com uma má impressão daquele funcionário de ares rudes, barba por fazer e uniforme amarrotado. Tentou ainda explicar a Ernesto o que ocorrera com Lúcia, mas ao ouvir a história Ernesto disse-lhe:

— É tão má influência, que até a prima já a converteu para suas mentiras. Quando me encontrar com ela a levarei até você e dessa vez os trancarei em sua cabine.

E o trem, antes tão rápido já começava a diminuir sua velocidade, estavam se aproximando da estação de Baturité no alto da serra.



**SOZINHO**

A estação de Baturité fora inaugurada em 1882, ainda no governo de Dom Pedro II, por oito anos foi o final da linha. A linha férrea fora construída, assim como a Estação Central de Fortaleza, com a ajuda dos retirantes que fugiam da seca e precisavam de algum emprego. Seu pátio de manobras e seus armazéns da ferrovia denunciavam a importância daquela estação, que apesar de pequena, era uma das maiores do trecho, depois da capital, e a que contava com mais equipamentos e funcionários. Ali o trem seria reabastecido por água, a subida da serra exigia muito das locomotivas.

Miguel pegou o relógio da maleta, marcava mais de nove horas. A parada ali seria mais demorada. A noite avançava rapidamente, mesmo assim não sentia cansaço, os últimos acontecimentos não os deixavam relaxar e se via na obrigação de encontrar a prima. O que poderia fazer? Marcelo já parecia cansado, apesar de toda a agitação vivida até aqui.

Pensou e chegou à conclusão:

— Mano, me perdoa por aquele dia, eu não queria que você tivesse passado por aquilo tudo.

Marcelo o olhou e sorriu:

— Eu sei, confio em você.

E se abraçaram.

— Preciso encontrar nossa prima. Mas não poderei levá-lo comigo. Quero que fique aqui e tranque esta porta.

Marcelo já se perturbando.

— Você consegue. Escute. Você não tem medo de lugares fechados, isto é uma ideia que você colocou em sua cabeça. Sei que pode tirá-la.

Marcelo sorriu.

— Não abra a porta para ninguém a não ser dona Maria ou Ernesto. Você me entendeu? Para NINGUÉM. Vou voltar até aquele vagão e trarei nossa prima.

O Expresso Baturité ganhava força, rugia subindo o maciço, até seu ponto mais alto, para ini-

ciar a descida da serra, a locomotiva sentiria mais do que nunca o esforço de puxar onze vagões. Mas ela tinha reserva de água suficiente que, aquecida, revelaria o poder de expansão do vapor. A fornalha aquecia a água na caldeira, este vapor era concentrado e conduzido às válvulas que moviam os pistões que, por sua vez, transmitiriam por meio das hastes e dos braços o movimento às rodas. O vapor seria expelido pela chaminé juntamente com a fumaça da fornalha, uma máquina relativamente simples, mas tão poderosa que, em todo o mundo, levava o homem a todos os lugares.

Até que o trem começou a ganhar velocidade e o Maciço de Baturité foi ficando para trás. A locomotiva rumaria para Quixadá, passando por algumas pequenas estações no caminho, à medida que entrava no sertão cearense a toda força. A vegetação antes fechada e exuberante ia sendo substituída pela caatinga que se prateava à luz da Lua e das estrelas em um céu tão estrelado naquelas terras sem iluminação artificial nenhuma.

Quase todos os passageiros já dormiam, quan-

do Miguel voltou a sair da cabine, não sem antes se certificar de que Marcelo fechara a porta à chave. Ao atravessar de um vagão para o outro, sentiu que teria somente uma chance e que não poderia desperdiçá-la. O vento era forte, já não havia névoa, nem chuva, os relâmpagos que vira, ao iniciar a viagem, havia deixado a chuva em Fortaleza e agora não poderia perder mais tempo. Atravessou os vagões até chegar onde encontrou o estranho funcionário. Bateu. Ninguém respondeu. Tocou na maçaneta, não sabia se encontraria o homem de paletó preto ou o condutor. A maçaneta rodou livre e a porta foi aberta. Abriu-a de uma vez e, para sua surpresa, nada havia ali senão uma caixa com garrafas vazias de cachaça. Procurou ver se encontrava algum vestígio da passagem de Lúcia. Começava a ter maus pensamentos. Lúcia não poderia ter sido jogada do trem, não queria crer nisso. Não podia crer nisso. Gritou:

— Lúciaaaaaaaaaaaaaa!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

Mas seu grito fora abafado pelo apito do trem que seguia resolutamente rumo à próxima estação.

Já estava saindo da cabine, bateria na do lado,

quando algo lhe chamou atenção: um chaveiro sobre os bancos. Aquele funcionário usava aquela cabine para fugir do trabalho, só podia ser isso. Ou poderia já ter tirado Lúcia dali! Experimentou uma chave na fechadura, rodava com precisão, era o chaveiro do funcionário, com certeza. Saiu de lá, cuidou de trancar a porta. Foi a outra cabine, mas esta estava trancada. Procurou, silenciosamente, a chave que abria a porta até que uma entrou e rodou livre na fechadura, arrependeu-se de ter gritado, podia ter sido ouvido. Abriu a porta, a cabine estava às escuras, uma tímida luz entrava do luar pela janela de cortinas esvoaçantes. Um detalhe lhe chamou atenção sobre um dos bancos. O álbum! Pulou sobre ele. E o cheiro, era o perfume, impregnante e excessivamente, forte de Lúcia. Ela estivera ali!

Já estava saindo quando as luzes do vagão se apagaram e ele sentiu alguém agarrando-lhe pelas costas. Era um homem, talvez o de paletó preto, talvez o funcionário, queria se virar para ver, mas não conseguia. Com uma mão segurava o álbum e não o largaria, com os pés se apoiou na parede da cabine e conseguiu empurrar o homem contra a outra pa-

rede do corredor, mas sabia que isso seria uma luta inglória, lutava com um homem adulto e embora fosse forte para sua idade não teria chance contra ele. O homem, com uma voz forçada sussurrou:

— Só falta você, devolva o que me pertence, eu quero.

Pensou no Marcelo, ele estava só na cabine! O homem dissera que só faltava ele. Em um relance, uma ideia lhe passou pela cabeça, jogou o álbum corredor à frente e, com a mão agora livre, acertou o homem com os dedos indicador e médio que em riste bateram pesadamente nos olhos do homem que o largou imediatamente. Correu, pegou o álbum e saiu do vagão em direção à cabine. Chegando lá, encontrou-a fechada, mas ao virar a maçaneta percebeu que ela não estava trancada. Desesperou-se, abriu a porta, Marcelo não estava lá, só dona Maria com um terço nas mãos fazendo suas orações.

## UMA ESTRANHA MENSAGEM

O trem seguia pelo sertão, cada vez mais perto de Quixadá. Lá fora, raposas corriam à passagem do trem e no céu os insetos, atraídos pelas luzes das janelas, encontravam a morte ao baterem na composição em movimento.

Miguel tinha os olhos cheios de lágrimas, não se conformara com o sumiço de Marcelo.

— Se ao menos alguém acreditasse em mim. Mas papai foi dizer que sou mentiroso. Que tipo de pai é esse que fala mal do filho para os outros?

Dona Maria perguntou o que estava acontecendo, mas ele não tinha certeza se ela acreditaria, contudo precisava desabafar com alguém.

Depois de ouvir toda a história, dona Maria passou a mão em sua cabeça e o consolou dizendo:

— Acredito em você. Fez o melhor. Mas não desista ainda, se o melhor não resolve, faça o melhor ainda. E pais não são perfeitos. Eles também erram.

Mostre para o seu que ele errou com você.

E Miguel nunca se sentira tão aliviado.

Dona Maria olhou para a janela e depois de algum tempo:

— Você me disse que quem o atacou, falou que você tinha algo que o pertencia. Pois tenha certeza, não pode sair daqui. Quem o atacou fará contato. Há uma chance de que sua família esteja bem.

Miguel não entendeu como ficar na cabine o ajudaria a encontrar sua família, mas o que fizera, até então, só tinha aumentado seus problemas. E resolveu seguir as orientações de dona Maria, e nunca, pouco mais de uma hora, pareceu demorar tanto. Miguel estava impaciente dentro da cabine, queria sair de vagão em vagão, bater em cada cabine, mas dona Maria o acalmava, já havia esperado muito, não poderia estragar tudo agora. O relógio marcava já quase onze horas, quando o trem começou a reduzir velocidade, estavam chegando a Quixadá e algo, Miguel sentia, iria acontecer.

Já eram onze horas da noite quando o trem parou e encontrou uma estação iluminada por gran-

des lampiões com algumas poucas pessoas, esperando o trem na plataforma de embarque. Lá, a parada seria um pouco mais demorada. O trem seria reabastecido por água, mais uma vez, na verdade, o reabastecimento acontecia em muitas estações. Miguel impaciente olhava pela a janela da cabine, de lá via uma cidade adormecida. Conhecia a história daquela estação, ela havia sido construída em 1891 e, mesmo tantos anos depois, ainda era uma importante parada. Quixadá era a terra do Açude Cedro e da Pedra da Galinha Choca. Queria um dia poder visitar aquela cidade, que tanto lhe chamava atenção, com calma.

Já eram quase onze e meia quando o trem apitou comprido e Miguel entendeu que partiria dali. Nesse instante, um bilhete fora colocado debaixo da porta, foi dona Maria quem o viu, tamanha a agonia de Miguel. Tal como dona Maria previra, o bandido entrara em contato. Miguel ainda tentou ver quem o havia posto lá, mas não havia ninguém no corredor. Pegou o bilhete, abriu-o, deixando cair uma foto, Miguel a apanhou e viu que era uma foto dos três juntos, tiradas nos jardins de sua casa e que Miguel reconheceu ser do álbum.

O bilhete dizia somente:

*Você tem algo que é meu e eu tenho algo que é seu. Se quiser vê-los novamente, devolva-me o brilhante. Aguarde instruções.*

De qual brilhante se referia? Sentia-se perdido mais uma vez. Teve vontade de desistir de tudo. Conduzira tudo tão mal até aqui. Como fora burro de deixar Marcelo sozinho? Onde ele estaria agora? Onde sua prima estaria agora?

Dona Maria sorriu:

— Pensemos juntos, repassemos tudo.

Miguel sorriu e repassou tudo, nos mínimos detalhes, deste estranho ocorrido no último vagão.

— Algo não se encaixa nisso tudo, – pensou alto dona Maria – o bandido quer um brilhante. Que brilhante seria? Ele achou o álbum de vocês e vocês acharam o brilhante dele.

— Eu não achei nada e garanto que Marcelo também não...

Foi aí que tudo pareceu iluminar-se. Uma lembrança veio-lhe à mente. De fato, o homem pare-

cia ter procurado algo naquela ocasião e... Lúcia... o anel de Lúcia...

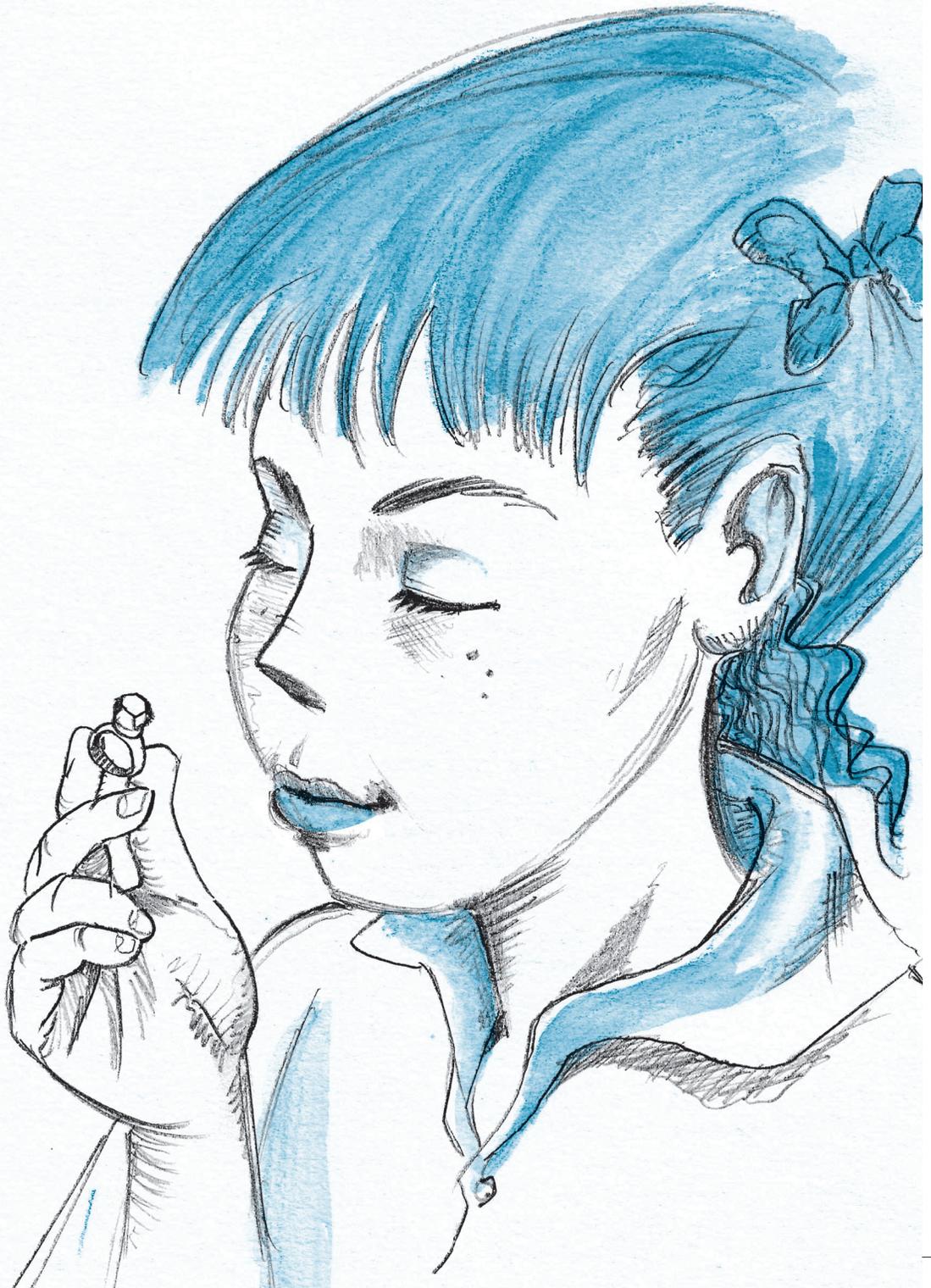
— O anel que Lúcia segurava, ela achou o brilhante, o brilhante é um anel. Eu até o tomei, mas pensei que fosse uma joia dela.

— Então está explicado, o bandido acha que você tem o anel que ele deve ter tomado do homem que foi derrubado do trem. E você disse que seu irmão ficou trancado aqui, certo?

— Certo.

— Pois já temos nosso bandido. Escute o que fará. É possível mesmo que sua família esteja bem.

E enquanto o trem seguia sua viagem, um plano foi traçado e nada mais poderia ser feito a não ser tentar. Quixeramobim se aproximava e os relógios marchavam para meia-noite.



## PRISIONEIRO

Lúcia e Marcelo haviam sido levados até o vagão de bagagem. Lúcia quando o trem parou na estação de Baturité e Marcelo quando Miguel saíra atrás de Lúcia e o deixara só. Embora não quisesse ir, o homem abriu a porta da cabine com uma chave e dissera que estava com seu irmão e que se ele não o seguisse de boa vontade, nunca mais o veria. Sem outra saída, ele o seguiu. Era o homem de paletó preto. No vagão-bagagem, foi forçado a entrar em uma mala, não queria, tentou escapar das mãos do homem, mas ele era bem mais forte e, por fim, foi vencido. Logo que a mala foi fechada começou a se sentir mal, o coração acelerado, a dificuldade de respirar, os braços não querendo responder aos seus comandos, um suor a lhe banhar todo, sabia que não suportaria muito ali. Desesperou-se, mas ninguém podia ouvi-lo, morreria, sabia que morreria. O ar faltava-lhe, ainda que a mala estivesse furada para que pudesse respirar, não conseguia, e o

coração batendo, descontroladamente, não pensava em nada, só o desespero a consumir sua esperança, dentro daquele pequeno espaço, chegando a se machucar com os hisparmos violentos. Não teria outra coisa a fazer, iria desistir e aceitar a dor que o dominava e o pânico que o controlava. Quando ouviu uma voz:

— Marcelo? Marcelo?

Era Lúcia, ela estava do lado, prisioneira também.

— Você consegue primo! Você consegue! Vai superar esse medo. Acredito em você, vamos sair dessa.

Era Lúcia e ela o estava apoiando, a menina egoísta que só pensava nela se preocupava com ele.

— Lúcia, socorro.

— Também estou presa, não se preocupe, Miguel virá nos salvar. Agora controle-se. Você NÃO tem medo... NÃO tem medo

Marcelo ouviu aquilo tudo, sua prima estava certa, se ela podia resistir, se Miguel podia resistir, ele também podia. Resistiria... Resistiria... Fechou os olhos e concentrou-se, não tinha medo, não ti-

nha medo e, nesse instante, sentiu o ar a lhe invadir os pulmões e a vida a lhe voltar o corpo. Resistiria. Lembrou-se de Miguel, ele acreditava nele, não podia decepcioná-lo. Resistiria! E gritou, um grito preso que a muito procurava romper-lhe o peito e ganhar o mundo.

Naquele instante, o plano começava a ser posto em prática, a cartada final seria dada.

Já passava de meia-noite quando o trem chegou a Quixeramobim. Aqui a estação estava às escuras e somente algumas famílias desceriam do trem e outras poucas pessoas subiriam. Miguel sabia que seria sua oportunidade.

## REENCONTRO

Miguel esperou ansioso, tudo dependia de que o tempo da parada fosse suficiente. Quando o trem apitou, ainda não tinha certeza se o plano havia dado certo, olhou preocupado pela janela, nada... nem sinal. Passaram-se mais uns dez minutos, Dona Maria pedia para ele se acalmar, estavam em outra cabine, a de um casal amigo de dona Maria. Luzia era seu nome e agora fazia parte do plano de resgate. O marido de Luzia não estava na cabine, havia descido do trem, juntamente com outro homem, que também era amigo de dona Maria e decidira ajudá-los no plano.

— O trem já vai sair, não vai dar tempo. Tenho que fazer alguma coisa. Preciso retardar o trem.

E, sem dizer mais nada, correu cabine afora, saltou do vagão. De fora se via os condutores às escadas do vagão em uma fila de luzes, segurando um lampião, fazendo sinal para o maquinista, dando autorização para partirem. Um a um os lampiões





eram recolhidos e, quando o último o fosse, o trem partiria. Pela plataforma correu para trás, até o vagão mais próximo, onde um dos lampiões acabara de ser recolhido, pulou de um salto para as escadas já gritando:

— Espere, não podemos sair!

O trem já se colocava em marcha.

— O que houve garoto?

— Tem uma pessoa fora. Espere, por favor!

O funcionário ergueu o lampião, sabia que se o trem ganhasse mais velocidade, mais longe pararia. O maquinista ao ver um lampião aceso novamente não quisera acreditar que teria que parar o trem novamente. Mas a luz, lá pelo oitavo vagão, era insistente e a alavanca de freio foi puxada, o vapor expelido, a *Consolidation* parava resfolegando, expelindo vapor por toda a parte.

— Espero que seja verdade.

Outros funcionários desceram do trem caminhando até a plataforma onde estavam.

— O que houve? Por que paramos?

— Este garoto chegou correndo pedindo, alguém ficou na estação.

Agora uma confusão de luzes se juntavam, o maquinista e o foguista, ao longe, só podiam imaginar que algo acontecera.

Todos os olhares inquiridores, querendo saber quem estava fora do trem. Miguel tentou dizer alguma coisa, mas, sem saber o que dizer, queria somente parar o trem por mais tempo, gaguejou algumas palavras sobre os olhares duros de cada condutor. Ia inventar uma mentira qualquer quando Ernesto apareceu:

— Não acredito, é você? O que houve desta vez?

— Você o conhece? – perguntaram todos.

Ernesto já foi acusando-lhe:

— É um mentiroso. E vou avisando, se for mais uma de suas mentiras!

Tentou falar:

— Ernesto... Pedi para esperar uma pessoa...

— Cadê, quem é então? – perguntou o condutor.

Miguel olhou para um lado e para o outro. E agora, estava sem jeito, enrolado nas pernas da mentira que criara e, dessa vez, não mentira para tirar nenhuma vantagem, nem para escapar de nenhum castigo, seus pais ficariam sabendo de tudo e certamente não aprovariam nada.

Balbuciu:

— Foi...

E todos os olhavam.

— Foi..

Olhares acusadores...

Foi...

Sentença dada: mentiroso.

Mas quando se esgotou todas as esperanças, a mulher que estava com ele na cabine apareceu detrás das pessoas e gritou:

— Foi eu que tinha descido.

Todos se voltaram para ver a mulher que defendia Miguel.

— Eu descí do trem para caminhar um pouco e

ver a estação, não sabia que seria tão rápida a parada aqui. Este jovem me viu e eu teria ficado se não fosse tão corajoso em enfrentar – agora com voz áspera – tantos *marmanjos* a lhe acusarem.

— Desculpe, senhora – falou um que parecia ser o responsável por todos os demais – peço que não faça mais isso.

— Não vai acontecer de novo.

— Obrigado.

Ernesto olhou desconfiado para Miguel, não acreditara naquela história. Mas o garoto tinha sorte, salvo no último instante.

E mais uma vez as luzes foram recolhidas e, em fila, do primeiro ao último vagão, que desde Baturité já havia passageiros, o trem ia ficando às escuras, exceto por algumas janelas não cobertas pelas cortinas à baixa luz dos vagões de bancos. O maquinista entendeu a mensagem, o trem apitou e a estação de Quixeramobim foi ficando para trás e agora, para compensar o atraso do incidente, mais carvão do que o habitual fora jogado na fornalha e a locomotiva rugia, acelerando rumo a Senador Pompeu. Os 40

quilômetros médios por hora, haviam sido cruzados, puxando os onze vagões, o trem estava para chegar aos 60 quilômetros e a madrugada já ia adiante, os relógios marchavam para uma hora da manhã.

Miguel, para não chamar atenção se dirigiu ao seu vagão enquanto Luzia voltava para o dela. Mas, nem ao menos parou em frente à cabine, correu de volta para a cabine de Luzia que ficava no próximo vagão e bateu na porta ansioso. A porta fora aberta e para sua alegria encontrou lá seu irmão e sua prima. Não falaram nada, somente se abraçaram e choraram assistidos por dona Maria, Luzia e seu marido, além do outro homem que os ajudara. Todos, comovidos, dividiam aquele espaço, que parecia ainda menor com tanta gente.

Marcelo, abraçado a Miguel contou-lhe:

— Não tenho mais medo... Posso ficar em qualquer lugar agora.

Miguel surpreso enxugando as lágrimas:

— Que bom... Que bom...

— Lúcia já estava solta quando eles chegaram, ela não fugiu sem mim.

— E não fugiria nunca... Nunca mais...

Miguel entendeu que cada um deles havia vencido seus maiores medos e fraquezas. Ele também faria o mesmo, não havia espaço mais para um Miguel mentiroso.

— Lúcia, desculpe-me por haver pegado seu diário. Eu prometi devolvê-lo, mas não o tenho. Não sei onde o deixei.

Lúcia sorriu e respondeu:

— Eu sei que você não o tem, já está comigo. Tia Fátima me entregou no outro dia.

Miguel sorriu e nunca se sentiu tão feliz por ser primo de Lúcia.

## **DESCOBERTOS**

Era necessário agir. Os dois homens eram policiais, embora não estivessem de serviço, não negaram ajuda a Miguel quando dona Maria contou-lhes tudo o que estava acontecendo. Como Miguel havia chegado muito perto do esconderijo de Lúcia, uma das cabines, na ocasião em que topara com o estranho funcionário, comprovado pela segunda visita de Miguel ao vagão, quando encontrou o álbum. Os policiais tinham certeza de que a haviam levado os meninos para o vagão de bagagens e isso só podia ter sido realizado em uma das paradas. Já que agora Miguel tinha um chaveiro das cabines e manter as crianças escondidas nelas já não era mais seguro. Quando o trem parou, os homens desceram do trem e correram, procurando não serem vistos até o vagão-bagageiro. Lá, encontraram a porta fechada que foi facilmente aberta pelas chaves que Miguel encontrara.

Ao entrarem no vagão, quase eram golpeados por Lúcia que sem saber quem entrava, havia se

armado com um guarda-chuva encontrado lá. Lúcia havia sido amarrada e posta entre algumas malas, dentro de uma das redes dispostas por todo o vagão e que serviam para por as malas. Marcelo tivera uma prisão ainda pior, por não acharem uma corda, já que haviam utilizado com Lúcia, o prenderam dentro de uma mala, fazendo alguns poucos buracos para que ele respirasse. Quando os policiais chegaram, Lúcia tentava, inutilmente, abrir a mala fechada por um cadeado em que o primo estava preso. Graças à confusão que Miguel fizera, os policiais tiveram tempo, mais que suficiente, para soltar as crianças e ainda se aproveitaram do desvio de atenção de todos com o incidente para voltarem ao vagão. Tudo estava saindo como o planejado.

Ribamar, o marido de Luzia, e o amigo, Alfredo, conferiram os revólveres e partiram para o vagão-restaurant, tudo seria rápido. Os culpados já haviam sido confirmados pela descrição de Lúcia e Marcelo. Agora teriam que serem presos antes que descem pela fuga dos meninos e até fugissem na próxima parada.

Quando chegaram ao vagão, àquela hora, poucos ainda teimavam a sorte no carteadado. O estranho condutor com olhos inchados estava ao lado de uma mesa, talvez aborrecido por ainda ter que trabalhar. O homem de paletó preto não estava ali, Ribamar sabia que se tratava de um cúmplice. Chegou bem perto do homem e em um movimento preciso, sem que este esperasse, foi golpeado em uma rasteira que o fizera cair. No instante seguinte, Ribamar já estava sobre ele dando voz de prisão:

— Polícia, não se mexa. Polícia.

Todos do recinto se assustaram com aquilo. Alfredo segurou o homem imobilizado e que agora estava sendo preso por algemas e perguntou:

— Onde está seu amigo, conte logo!

Tomado de medo revelou:

— Cabine 4, vagão 22... Cabine 4...

Alfredo levantou-se e saiu correndo em direção ao vagão 22. Lá em um chute único pôs a porta no chão, o homem caiu batendo com a cabeça na janela. Já estava arrumando as malas, como haviam previsto, iriam fugir.

Os bandidos foram todos conduzidos a uma cabine onde foram algemados aos braços dos bancos. E quando tiveram suas coisas revistadas, muitas outras joias foram encontradas em um pacote, o mesmo que os garotos haviam visto no último vagão. O homem de preto acabou tendo seu nome revelado pelo comparsa, que, por ser funcionário da RVC, não teria como esconder o seu, chamava-se Rodrigues e era o responsável pelas vendas das joias que o funcionário, Marciano, roubava das malas dos passageiros.

Muitos passageiros, diante de tantos acontecimentos, despertaram e de boca em boca espalharam que um garoto havia ajudado a prender os ladrões perigosos.

Quando o trem parou em Senador Pompeu, uma festa em comemoração aos pequenos heróis já acontecia no vagão-restaurante. Miguel, agora sentindo o cansaço dos reboliços da noite, estava radiante por ter sua família ao seu lado. E nada disso teria acontecido se alguém não tivesse acreditado nele. Não tinha palavras para agradecer à bondosa senhora, dona Maria, por tudo o que fizera por ele naquela noite.

Um jornalista, que também viajava no trem tomava notas de tudo, quando saltasse transmitiria tudo por telefone aos jornais da capital. A turma foi reunida e uma foto numa máquina lambe-lambe foi tirada para que assim ficasse o registro da coragem dos três pequenos heróis.

Na estação, perguntaram pela polícia e pelas condições da prisão. Os bandidos deveriam ficar ali esperando a próxima composição de volta a Fortaleza, para serem definitivamente presos e julgados. Mas a cidade era pequena e somente dois policiais faziam a guarda ali. Ribamar, da estação, em um telefone de parede feito de madeira, que funcionava com uma manivela e que tinha duas sinetas na parte de cima chamou pela telefonista:

— Telefonista, ligue-me com a delegacia de Iguatu.

— Só um momento.

No instante seguinte, Ribamar se apresentava para os policiais que o atendia e que se prontificavam a irem buscar os bandidos. Estava tudo terminado!

Quando, já muito mais atrasado ainda, o trem partiu de Senador Pompeu, os relógios já marca-

vam quase três horas da manhã. A noite iria se despedindo. As pessoas, passada a euforia e a surpresa de tudo o que havia ocorrido, voltavam para seus lugares. E agora, mais do que nunca o carvão era jogado na fornalha, um calor insuportável dominava a cabine. O maquinista e o foguista enxugavam o suor com seus chapéus, aquela noite não seria esquecida nunca por eles. E o trem apitou na noite rumo à próxima parada, a penúltima dos meninos. Iguatu se aproximava.

## O PEQUENO HERÓI

Os meninos só não entendiam ainda o motivo da briga no último vagão e quem fora jogado dele. Foi então que Ribamar explicou:

— Era um funcionário que descobriu todo o esquema. Rodrigues tentou convencê-lo com um brilhante, como ele recusou foi golpeado e jogado para fora do trem. Esperamos que esteja bem. O chefe do trem já telefonou informando tudo a Fortaleza. Acredito que a esta hora já tenha sido socorrido.

A *Consolidation* fumaçava pelos trilhos, o vapor expelido nos pistões formava uma densa cortina que encobria suas rodas e um vigoroso jato de fumaça era expelido por sua chaminé. A máquina trepidava nos trilhos. Miguel queria contar tudo ao seu pai, abraçar-lhe, dizer-lhe que o amava. Mas estava tão longe. Quando isso seria possível?

E o trem cada vez mais rápido e Iguatu cada vez mais próximo. Lá, os policiais já esperavam na estação com um carro para levar os ladrões à cadeia.

Alfredo se levantou da mesa e avisou:

— Vou ao toalete, com licença – e saiu. Os toaletes ficavam na parte da frente do vagão, depois da cozinha

No instante seguinte, Ernesto entrou no vagão e caminhou em direção a Miguel. O garoto que não o via desde a parada em Quixeramobim já ia lhe dizer para sentar com eles, quando foi puxado pelo braço e feito de refém, preso a modo de escudo. Ernesto apontava uma arma para a cabeça de Miguel. Tudo isso se passou em instantes sem dar tempo de reação a ninguém ali presente.

— Dê-me sua arma, senão explodo a cabeça do moleque!

Gritou para Ribamar que ainda tentou argumentar:

— Não tem necessidade disso... Deixe o garoto...

— Você é surdo, largue a arma agora – e engatilhou o revólver.

Vendo que o homem estava transtornado não o contrariou, pois a mão no paletó e retirou a arma do cós da calça.



— Tire as balas! Tire as balas!

Sem outra saída, obedeceu. Lúcia e Marcelo estavam em choque com o que viam. Ernesto fazia parte da quadrilha!

— Vocês pensaram que aqueles dois parvos trabalhavam sozinhos! Duas demências! Não vou sair sem nada. Eles vão me entregar mais cedo ou mais tarde. Quero as joias! Quero as joias!

O saco de joias havia sido posto em um cofre na chefia do trem. Onde estão?

— No cofre, respondeu Ribamar.

Ernesto, voltando-se para o balcão, segurando Miguel pelo pescoço ameaçou:

— Salustiano jogue aqui as chaves do cofre. Jogue agora! – gritou.

Salustiano, um senhor de cabelo branco e já de certa idade, era o chefe do trem naquela ocasião e não tendo outra escolha jogou a chave que caiu para dentro do balcão, Ernesto ficou satisfeito e gritou para que todos saíssem:

— Para o outro vagão, para o outro vagão!

Ordenou que todos caminhassem para trás e passassem para o vagão de passageiros. Os outros condutores da estrada de ferro que estavam presentes não acreditavam no que estava acontecendo.

Luzia e dona Maria sufocavam o choro diante de tamanho horror.

Lá fora, sem saber de nada, o maquinista impeliu mais velocidade ao trem, a *Consolidation* trabalhava a toda força e avançava sertão adentro.

Ribamar foi o último a sair, na porta do vagão Ernesto ordenou:

— Desengate o vagão! Desengate!

O homem estava louco, iria roubar também o trem.

— Desengateeeeeeeee!!!!!!! – gritou.

Salustiano fez que sim para um dos condutores que, com muito medo, tomou a frente de todos, segurado por Ribamar, abaixou-se temeroso e puxou o pino da trava. O engate estava fortemente fixo pelo peso de toda a composição. O funcionário, antigo amigo de Ernesto, olhou-o e não o reconheceu, respirou e tentou mais uma vez, ouviu-se um estalar e o

engate se abriu. No instante seguinte, a *Consolidation* deu um arranque para frente e correu livre puxando somente os dois vagões. Na cabine, o maquinista e o foguista foram jogados para trás, bateram contra o tender e por pouco não caíram, tamanha a violência do arranque que a locomotiva dera.

Sem entender o que havia acontecido, levantaram-se e correram ao manômetro, o relógio que media a pressão da caldeira, tudo em ordem. Foi quando o foguista, gritou enquanto enxugava um corte que a queda provocara em sua testa:

— Desengaaaaaaaate!

O maquinista saltou à janela, na curva a composição se distanciava enquanto a locomotiva partia em desabalada carreira. Mas que depressa, puxaram a alavanca dos freios. As rodas travaram, enquanto uma nuvem de vapor cobria tudo. Um rastro de fogo saía das rodas travadas em contato com a linha. O maquinista aproveitando a pressão do vapor, puxou os comandos fazendo com que a marcha a ré fosse acionada. Os pistões recebendo o vapor a toda pressão acionam a haste e empurram os bra-

ços das rodas a toda velocidade. O trem patina, as rodas impulsionando o trem para trás e o trem indo para gente. Novamente faíscas, agora para frente saem das rodas, mas a máquina ia adiante, quando, finalmente, a locomotiva parou de patinar e o trem começou a mover-se para trás, uma longa distância já havia sido percorrida e o restante da composição já parava completamente de se mover.

Ernesto não contava com toda essa reação. Quando o vagão foi desengatado, do arranque que o trem tomara, foi jogado contra o guarda—corpo, caindo para um lado. Miguel, tomado de surpresa, sem poder se segurar em lugar nenhum, foi jogado pelas escadas e caiu para fora do trem, para o desespero daqueles que assistiam a tudo aos gritos no outro vagão.

Quando entendeu o que estava acontecendo, Ernesto levantou—se com a intenção de ir à locomotiva render o maquinista, mas, sem esperar, Alfredo surgiu por trás, segurando-o em um movimento rápido que o imobilizou. Atordoadado ainda pela queda não conseguiu reagir, foi puxado para

o vagão. Ainda tentou acertar Alfredo com a mão, mas acabou perdendo o revólver e sendo golpeado fortemente no rosto. Agora estava tudo acabado! Não tinha para onde fugir.

Quando o trem finalmente chegou a Iguatu, a barra já se iluminava, a pequena estação não coube de tanta gente que descia do trem para ver o pequeno guerreiro que era conduzido às pressas, no carro dos policiais, ao hospital mais próximo. Choros e votos de vitória se juntavam em uma confusão de sons naquele dia que Iguatu parou para o pequeno herói.

Já sem nenhuma pressa, a composição partiu de Iguatu e quando o Sol já brilhava no firmamento, chegou a Baixio. O trem freou e toda a composição parou ao lado da plataforma. A avó dos meninos e sua tia esperavam com uma charrete à disposição de seus netos. Mas quando Luzia desceu segurando a mão de Marcelo e Lúcia, não reconheceram aquela mulher e perceberam que algo estava errado. As crianças correram para a avó e a abraçaram enquanto Luzia contava tudo para elas. Dona Edwiges, já muito idosa para tantas emoções, sentiu-se desfa-

lecer as pernas e precisou ser apoiada pelos netos e por sua filha que também não queria acreditar no que acabara de ouvir.

Da estação, Maria das Graças ligou para Fortaleza, na residência dos Almeidas quem atendeu ao telefone foi Mãe Genô que já esperava notícias dos meninos, mas, quando Maria das Graças contou-lhe o que havia ocorrido, os olhos da bondosa senhora se encheram de lágrimas. Fátima que vinha da cozinha, já estranhando a mudança súbita de expressão da governanta, perguntou:

— O que houve? Quem é dona Genô?

Mãe Genô, tirando o fone da boca em pesada tristeza, respondeu somente:

— É nosso menino senhora... Miguel – e chorou.

Fátima se apoiou com uma das mãos na parede para não cair, enquanto levava a outra à boca.

Na estação, naquele momento, já anunciando sua partida, a *Consolidation* apitou triste, havia chegado a Baixio, mas faltara tão somente uma estação para o pequeno herói chegar ao seu destino.



## A ÚLTIMA ESTAÇÃO

Em frente da Igreja de São Francisco, em Baixio, as pessoas assistiam a queima de fogos de artifício olhando ladeira abaixo, em direção à estação de trem. O novo ano chegara, as famílias se abraçavam desejando um novo ano cheio de felicidade e bênçãos de Deus. Da porta da igreja Marcelo saiu correndo para ver a queima de fogos, acompanhado por sua prima, tios, mãe e avó. Atrás, doutor Melchior, muito feliz, trazia Miguel em uma cadeira de rodas. A família ao receber a notícia do incidente, partira para Baixio, mesmo Mãe Genô havia vindo.

O garoto ainda estava com as pernas imobilizadas por talas e ainda exibia diversos curativos. Demoraria muito até se recuperar por completo, mas nenhuma cicatriz, por mais dolorosa que fosse, ofuscaria o brilho da boa convivência que teria com seu pai a partir de então.

Doutor Melchior entendera finalmente que sua presença era importante e, apesar de gostar

muito do trabalho, aprendeu a dividir o seu tempo com sua família.

Quando em meados de janeiro o Expresso Baturité chegou à estação, encontrou a família de Miguel toda reunida. Da *Consolidation*, o maquinista e foguista acenaram ao verem os meninos na plataforma. Miguel já sem as talas, mas ainda apoiado por muletas e doutor Melchior super atencioso com seu paciente mais ilustre. A lembrança daquela manhã em que recebera a notícia do incidente do filho e que fizera ir às pressas para Baixio tinha ficado no passado e nenhum dissabor daquela época resistira ao amor entre pai e filho.

Miguel se tornaria médico, não porque seu pai o obrigaria, mas por aprender a admirar o trabalho dele que, para o garoto, era um verdadeiro herói ao tentar salvar a vida de desconhecidos com o empenho hercúleo de quem se importa verdadeiramente com o bem do outro. Nunca perderia a paixão pelos trens e a bordo deles ainda faria muitas viagens.

O trem apitou, os condutores, um a um recolhia os braços estendidos, acenando para o maquinista. Era o começo da manhã, à noite estariam em Fortaleza.

A máquina resfolegou, uma cortina de vapor cobriu as pesadas rodas, ao instante seguinte os braços estavam se movimentando, o Expresso Baturité partia agora para levar a todos a maior de suas aventuras.



Estação Ferroviária em Baixo



Igreja de S. Francisco em Baixo



Estação Central de Fortaleza na década de 20

ESTACIONAMENTO: 2000 m<sup>2</sup> - R\$ 100,00  
ALUGUELO: 2000 m<sup>2</sup> - R\$ 100,00  
E. P. ANUAL: 2000 m<sup>2</sup> - R\$ 100,00  
TAXA DE SERVIÇO: 2000 m<sup>2</sup> - R\$ 100,00  
TOTAL: R\$ 400,00



OCEANO

FORTALEZA

ATLÂNTICO

PACATUBA

BATURITÉ

R



QUIXADA

QUIXERAMOBIM

S. POMPEU

IGUATU

BALXIO

RIO G. DO NORTE

SOUZA

CASAESIRAS

RAHYBA





## **Milson Almeida**

Olá, sou Milson Almeida, nasci em Cascavel, Ceará, mas hoje me divido entre minha terra natal e Fortaleza. Desde criança sou apaixonado por livros, sou o autor dos livros “O Gênio dos desejos” e “A Serra da Mataquiri”, este em parceria com mais dois outros autores. Estou sempre escrevendo, e, atualmente, trabalho em meu próximo livro. Amante da leitura, acredito em seu poder transformador e em suas asas que nos faz viajar aos mais altos pensamentos, alimentando o nosso espírito. Venha se lançar também neste voo sem limites!



## **Mings**

Meu nome é José Domingues (Mings), nasci no município de S. Luís do Curu - CE e moro em Fortaleza. Sou ilustrador e designer gráfico por profissão, porém, o que me dá prazer é criar mundos e fantasias a partir de textos maravilhosos. É no ato de ilustrar que sonhos ganham vida e pensamentos transformam-se num universo de cores e fantasias.

Além deste livro, já ilustrei projetos anteriores, entre eles: “A Magia das Letras” e “A Menina e o Cachorrinho”. Sempre envolvido com minha arte, procuro contribuir para a formação e o aprendizado dos pequenos leitores, pois através da leitura e da arte conseguimos construir uma sociedade mais humana e justa.